

UFPE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CFCH - CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Fernanda Ferrari Pizzato

**Do namoro à amizade: as matizes das parcerias sexuais de
mulheres heterossexuais de camadas médias, estabelecidas
profissionalmente, residentes no Recife**

Recife, 2010.

UFPE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CFCH - CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Fernanda Ferrari Pizzato

**Do namoro à amizade: as matizes das parcerias sexuais de
mulheres heterossexuais de camadas médias, estabelecidas
profissionalmente, residentes no Recife**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Antropologia do Centro de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Federal de Pernambuco como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Antropologia.

Orientador Drº.: Luís Felipe Rios do
Nascimento

Recife, 2010.

FERNANDA FERRARI PIZZATO

**“DO NAMORO À AMIZADE AS MATIZES DAS PARCERIAS SEXUAIS DAS
MULHERES HETEROSSEXUAIS DE CAMADAS MÉDIAS, ESTABELECIDAS
PROFISSIONALMENTE, RESIDENTES NO RECIFE”.**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Pernambuco como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 27/05/2010.

BANCA EXAMINADORA



Profº Drº Luis Felipe Rios do Nascimento (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGPsi / UFPE



Profª Drª Marion Teodósio de Quadros (Examinadora Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE



Profª Drª Karla Galvão Adrião (Examinadora Titular Externo)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFPE

Pizzato, Fernanda Ferrari

Do namoro à amizade : as matizes das parcerias sexuais de mulheres heterossexuais de camadas médias, estabelecidas profissionalmente, residentes no Recife / Fernanda Ferrari Pizzato. -- Recife: O Autor, 2010.

95 folhas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia. 2010.

Inclui: bibliografia e anexos.

1. Antropologia. 2. Mulheres. 3. Sexualidade. 4. Cultura. 5. Relação homem-mulher. I. Título.

**39
301**

**CDU (2.
ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2010/154**

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha força.

Às interlocutoras, que tão corajosamente se disponibilizaram a falar sobre suas vidas pessoais e empreenderam comigo um caminho em que o esforço subjetivo alçou grande força e sentimentos não esperados. E, também por disponibilizarem seu tempo, na correria dos seus dias, para que pudesse realizar este trabalho.

À CAPES, pelo investimento e por proporcionar o acontecimento deste trabalho.

Ao Professor Doutor Luís Felipe, meu orientador nesta dissertação e em outros trabalhos na graduação e na vida, faço um agradecimento do tamanho do seu coração, gigante! Pelo estímulo, puxões de orelha e acolhimento nesta empreitada que, por vezes, não acreditei ser possível.

Aos professores Doutores Lady Selma, Marion Quadros e Parry Scott que, me auxiliaram na descoberta da antropologia e em especial, das questões de gênero e do feminismo; mobilizadores de um futuro mais honesto para nossa sociedade como um todo. Um agradecimento muito especial!

À professora Doutora M^a. Aparecida Nogueira pela presença desde cedo na minha vida acadêmica, por ter me guiado, com seus ideais e de forma afetiva até o mestrado de antropologia. Obrigada por tudo!

Aos meus amigos de lutas, de alegrias, de tristezas, de idéias, de profissão e de fé, Rosita Marina, Ester Monteiro, Isabela, Evinha, Luiz, Stanley e Patrícia Rodrigues, M^a Teresa, Polly e Rominho, Hevane, Bernardinho com muito carinho, acreditem que vocês possibilitaram eu continuar no momento mais difícil e me ajudaram a rir do que, às vezes, parecia o caos. Deus os abençoe sempre! Amo vocês!

À psicanalista Doutora Sandra Walter por tudo.

À minha família, a minha mãe Suzana, ao meu pai Artemio e ao meu irmão Daniel. Obrigada pela vida, pelo amor e pelos ensinamentos! A minha madrinha Silvia, pra todas as horas. Amo vocês!

Ao meu vovô Alberto pelo amor.

Ao companheiro, noivo, *quase* marido Eduardo por, em momentos de apertado, ter em seu semblante a mensagem: “vai dar certo!”. Agradeço a motivação; por contribuir no que neste trabalho há de sensível e verdadeiro. Muito bom compartilhar com você essa trajetória. Amo você!

RESUMO

Do namoro à amizade: as matizes das parcerias sexuais de mulheres heterossexuais de camadas médias, estabelecidas profissionalmente, residentes no Recife

Essa dissertação discute os significados atribuídos por mulheres heterossexuais, solteiras, adultas jovens (25 a 35 anos), com vida sexual ativa, de camadas médias e estabelecidas profissionalmente, às suas sexualidades, em interface com questões referentes a conjugalidade, aos projetos de vida e família. Está embasada em uma pesquisa qualitativa desenvolvida através de entrevistas com foco biográfico em nove mulheres com o supracitado perfil. Os dados foram analisados a partir de teorias antropológicas e/ou feministas sobre a ordenação que os sistemas de sexo-gênero promovem em relação à organização da vida sexual das pessoas, considerando os contextos culturais em que vivem. A apresentação dos resultados se inicia tomando como pano de fundo para a discussão a perspectiva das mulheres sobre configurações familiares, focando nas suas formas de vivenciar a conjugalidade. Nesse âmbito, elas contrastam o que está socialmente disponível como ideais de conjugalidade, com o que elas próprias situam para si como ideal possível, considerando, nesse sentido, suas próprias trajetórias de relacionamentos afetivos/sexuais. Nesse sentido, emerge um medo de formar parceria, que se relaciona tanto às repartições das atribuições de homens e mulheres no âmbito da conjugalidade, que no olhar delas privilegiaria os primeiros, quanto a uma queixa de recorrentes cenas de infidelidade por parte de seus parceiros. Infidelidade que elas defendem ser comum aos homens de modo geral. Aprofundando as vivências da sexualidade, as entrevistadas revelam-se, de certo modo, regidas pela ideia de que “mulheres de família” comumente devem vivê-la no âmbito da conjugalidade. Frente a esse ideal, aparecem três formas de relacionamento sexual. As mulheres dizem querer sexo com afetividade, mas esse, a princípio, só se teria no namoro ou casamento. Em oposição ao primeiro, colocam o “amor bandido”, que elas descrevem como o sexo que se faz com um desconhecido, e que é qualificado como insatisfatório. Não obstante, frente às muitas vivências de infidelidade masculina, elas vão cada vez mais se afastando da primeira forma, mas não querem a segunda. Talvez pela capacidade de agência que o fato de serem estabelecidas socioeconomicamente lhes confere, identificamos o surgimento de arranjo singular no formar par para viver a sexualidade de forma satisfatória: a “amizade colorida”. Esses relacionamentos acontecem com homens que elas consideram amigos, mas que, por não possuir o título de namoro, nem os compromissos que esse prescreve, deixa ambos livres para terem outros relacionamentos afetivo-sexuais.

Palavras-chave: Sexualidade, mulheres, conjugalidade.

ABSTRACT

From dating to friendship: the nuances of sexual partners of heterosexual women of middle class, professionally established, living in Recife.

This essay discusses the meanings given by women heterosexual unmarried young adults (25 to 35 years), sexually active, middle class and established professionally, to their sexuality, in interface with the marital issues, life projects and family. It is based on a qualitative survey through interviews with the focus biographical nine women with the above profile. Data were analyzed from anthropological theories and / or feminist about ordering systems that promote sex-gender for the organization of people's sex lives, considering the cultural contexts in which they live. The presentation of results begins by taking as a backdrop for discussing women's perspective on family structure, focusing on their ways of experiencing marital. In this respect, they contrast what is socially available as a conjugal ideal, with what they themselves lie to themselves as a possible ideal, considering this effect, their own trajectories of affective relationships / sex. In this context, there emerges a fear of forming the partnership, which relates both to the allocations of the tasks of men and women within the conjugal relationship, which on the look of them privilege the first, on a complaint of recurrent scenes of infidelity by their partners. Infidelity they pose as common to men in general. Deepening the experience of sexuality, the interviewees reveal themselves to some extent, governed by the idea that "family women" often must live it in the conjugal relation. Compared to this ideal, there are three forms of sexual relationship. Women say they want sex with affection, but this at first would only be in dating or marriage. In contrast, the first, put the "thug love" which they describe as the sex they have with a stranger, and who is qualified as unsatisfactory. Nevertheless, compared to the many experiences of male infidelity, they will increasingly moving away from the first form, but do not want the second. Perhaps the ability of the agency that established the fact that they give them socio-economically, we identified the emergence of singular arrangement in the pair off to live their sexuality in a satisfactory manner: the "colored friends". These relationships occur with men who consider friends, but that, by not having the title of dating, or the commitments that it prescribes, makes both free to have other sexual-affective relationships.

Keys words: Sexuality, women, conjugal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Mulheres, solteirice, matrimônio e sexualidade	10
Solteirice e casamento	11
Sexualidade.....	14
Conjugalidade	18
Alinhavando.....	20
Caminhos metodológicos, epistemológicos	21
Sobre as entrevistas com foco biográfico	21
As entradas num campo bem próximo	24
As mulheres e biografias	28
Cenas dos próximos capítulos	33
Capítulo 1 – Fazendo o Checklist: em busca do encanto amoroso	35
1.1 Conjugalidade	39
1.2 “Se calhou de encontrar...”, sobre os encantos no projeto afetivo	46
1.3. O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou... ..	50
1.4 Reflexões. Quando o príncipe cai do cavalo.....	53
1.5 Direitos e privilégios sexuais	57
Capítulo 2 – Do namoro à amizade: uma saída para o amor bandido	60
2.1 Parcerias sexuais	62
2.2 (In)fidelidade.....	64
2.3 Na encruzilhada do amor bandido.....	67
2.4 - Colorindo	69
2.5 - O enigma da amizade	72
Considerações Finais – a agência das mulheres: penetrando	78
REFERÊNCIAS	84

INTRODUÇÃO

A pesquisa que levou à construção dessa dissertação situa-se no interior dos estudos de gênero e sexualidade. Ela discute os significados atribuídos por mulheres heterossexuais solteiras, adultas jovens (25 a 35 anos), de camadas médias, às suas sexualidades em interface com questões referentes a conjugalidade, projetos de vida e família. O que ao final acabou por se tornar uma etnografia sobre namoro e amizade entre mulheres “senhoras de seus narizes” – aquelas que, dada a condição econômica, balizada pelo pertencimento de classe, conseguem certa autonomia em relação às normas de gênero concernentes à sexualidade e conjugalidade.

Antes de passar os enquadres teóricos e metodológicos que permitiram a configuração de questões e meios para respondê-las, quero iniciar minha etnografia num tom num tanto confessional: ainda que acredite na importância de certo distanciamento do objeto de estudo, não consegui me manter completamente afastada por nem um só instante ao longo da pesquisa. Afinal, estudava questões nas quais eu própria me via enredada. Lembro que assuntos como os aqui tratados eram frequentes nas rodas de conversa com minhas amigas, em geral solteiras. Usualmente, comentávamos a respeito dos insucessos nas relações conjugais.

Assim, ao longo da pesquisa, estive dialogando com mulheres jovens “como eu”, graduadas, com uma vida econômica mais ou menos estável, sobre um assunto que me tocava, afinal, frequentemente me vejo às voltas com os dilemas do passar do um ao par. Nesse contexto de projetar o futuro, penso sobre questões referentes à maternidade na interface com a divisão de tarefas do casal no cuidado dos filhos e do lar; medo da infidelidade conjugal, sem contar com as questões referentes à minha própria satisfação afetiva e sexual no relacionamento. Foi sobre tudo isso que, desde minha própria

experiência e dos relatos que obtive em mesa de bar com amigas e conhecidas, continuei a conversar com as minhas “nativas” das camadas médias do Recife.

Por diversos momentos questioneei a pertinência de fazer do “eu” “outro” e desenvolver a pesquisa sobre a vida sexual dessas/de nós mulheres. Em meu socorro, e frente as minhas reflexões epistemológicas no momento de avaliar a qualidade de meus dados e interpretações, veio Oliveira (1988, p. 14), a quem escutei no afã de diminuir as angústias de se escrever uma dissertação (ou pelo menos as minhas angústias): “Não seria a boa etnografia função dessa mesma capacidade de espantar-se, menos talvez com o outro, mas certamente mais consigo mesmo, com esse “estranho” modo de conhecer que para nós se configura ser a antropologia?”. Gilberto Velho (1986, p. 38) também reafirma esse pensamento quando fala de subjetividade no trabalho de campo que não nos é “tão” estranho: “todo o trabalho tem uma forte dimensão autobiográfica”.

Escutando isso dos mais velhos, pude perceber que, ainda que nativa, poderia, considerando meu posicionamento e localização (HARAWAY, 1995) ao longo da coleta, análise e escrita dos dados (RIOS, 2004), acrescentar algo mais, nesse campo de discussões, sobre o impacto na sexualidade feminina das novas configurações de conjugalidade, família e, intrínseca a elas, as relações entre homens e mulheres.

Tendo como objetivo principal (geral) desta pesquisa a compreensão das vivências da sexualidade entre mulheres de camadas médias, economicamente ativas e solteiras, é importante salientar que desenvolvi o conceito de sexualidade dentro da ótica construcionista. Vance (1995), a partir dessa perspectiva, atribui as vivências e representações da sexualidade como produtos da história e cultura de cada sociedade. Ou seja, cada cultura fornece distintos sentidos ao sexual, e esse ponto tem sido destaque nos debates das feministas.

Este trabalho partirá, portanto, da utilização do termo gênero como categoria analítica (SCOTT, 1995); mas considerará a ressalva de Rubin (1996), que sugere não subsumir sexualidade a gênero: num estudo analítico de gênero e sexualidade tais termos devem ser concebidos de modo diverso, pois, apesar de algumas ligações, ambos constituem distintos campos de prática social, ainda que indissociáveis.

E, para compreender o modo como vêm se configurando as práticas/comportamentos sexuais dos sujeitos, utilizo a teoria dos roteiros sexuais (GAGNON, 2006). Na antropologia a noção de experiências ou comportamentos sexuais advém de contextos muito particulares e específicos e deve levar em conta o conjunto de interações verbais, não-verbais e simbólicas que são forjados do meio social.

O conceito de roteiro tem certas semelhanças com os conceitos de plano ou projeto, na medida em que constitui uma unidade suficientemente ampla para abarcar elementos simbólicos e não verbais numa seqüência de condutas organizadas e delimitadas no tempo, por meio da qual as pessoas contemplan o comportamento futuro e verificam a qualidade do comportamento em andamento. (Gagnon, 2006, p.114)

Faço, nesse sentido, um exame dos significados de “ser mulher”, caracterizado como vivência culturalmente informada, na interface com a vivência da sexualidade. Em adição, observo, seguindo essa ideia, de que forma, essa sexualidade experienciada ou, simplesmente, idealizada vem a influenciar na maneira como essas mulheres pensam e significam a família.

Mulheres, solteirice, matrimônio e sexualidade

Explicitada minha posição, vale que, e antes de seguir adiante na apresentação dos resultados e discussões, eu melhor circunstancie as características sócio-demográficas das mulheres em estudo e como essas me levaram, frente aos estudos

sobre as mudanças nas relações de gênero em especial sobre a tão almejada autonomia feminina (e aqui assumo mais uma posição, a feminista), a formular a questão que orientou o trabalho.

Solteirice e casamento

Sobre a vida de solteiro, vale lembrar um exemplo clássico, apresentado por Lévi-Strauss (1980) sobre os bororo, índios brasileiros: ele encontra um homem aparentando trinta anos, sujo, mal alimentado, triste e solitário. Questiona de que sofre aquele que lhe parecia gravemente doente, respondem-lhe: ele é solteiro.

Discutindo família, o autor aponta que há uma diferenciação, no fato de “ser solteiro”, que costuma permanecer em diferentes contextos sociais. A pessoa solteira é percebida como “meio ser humano”. Segundo Lévi-Strauss, quase todas as sociedades têm em elevada apreciação o estatuto matrimonial para ambos os sexos e uma repulsa em relação aos solteiros. Mas, sua justificativa para esse fato é porque, esse “meio ser humano”, não pode ter acesso ao produzido pelo trabalho do outro cônjuge, nas sociedades em que existe uma divisão de trabalho bem marcada entre os sexos.

Relendo Lévi-Strauss, Gayle Rubin (1996) irá apontar como essa divisão do trabalho, juntamente com o tabu do incesto e o tabu da homossexualidade, é elemento estruturante do que ela conceitualizou como sistema de sexo-gênero “O conjunto de disposições pelo qual a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e no qual se satisfazem essas necessidades humanas transformadas.” (RUBIN, 1996, p. 6)

De fato, os estudos sobre as relações de gênero têm mostrado como o acesso das mulheres a postos de trabalhos antes apenas acessíveis aos homens e as mudanças na condição econômica das mulheres têm impulsionado redescrições no sistema de sexo-gênero, afetando configurações familiares e também as normas de sexualidade. Ainda

assim, o que se observa é que para as mulheres brasileiras, o estatuto de solteira em especial na faixa etária que escolhi para investigar, ainda parece ser problemático.

As mulheres entre 25 a 35 anos¹ de idade estão, conforme as ciências médicas, no auge de suas carreiras reprodutivas; talvez por isso mesmo, na contemporaneidade, as uniões conjugais (legais ou consensuais) costumem ocorrer nesse período da vida, e assim, conseqüentemente parece ser esse um momento propício para o surgimento de expectativas de casamento para as pessoas que estão solteiras.

Segundo os dados divulgados pelo “Anuário Estatístico brasileiro” (IBGE, Estáticas do Registro Civil) a média das idades de casar das mulheres aumentou em relação aos homens, nesses, essa faixa etária tem sido mais constante, para elas em 1993, os registros marcavam a média de 24 anos e em 2003, a média de 27,2 anos. Talvez, isso ocorra porque em todas as faixas etárias, proporcionalmente, há mais mulheres do que homens. Segundo a demógrafa Elza Berquó (1984), esse aumento de idade para casar também pode ser explicado pela inclusão, hoje bem mais cedo, das mulheres no mercado de trabalho e também das transformações entre as relações de gênero em todas as camadas sociais.

Berquó (1984) diz que nossa pirâmide social está se transformando no que denomina “pirâmide da solidão” para as mulheres. Ela mostra, no Brasil, percentuais de ocorrência de casamento para mulheres e homens a partir de suas faixas etárias: dos 35 aos 39 anos de idade 20% das mulheres não estão casadas, enquanto que esse número é de 13% para os homens não casados; o que nos mostra uma diferença significativa nas idades de casar. E, é somente até os 29 anos que o número de homens não casados é superior ao de mulheres não casadas (29% para as mulheres e 35% para os homens).

¹ Mulheres em carreira reprodutiva e com possíveis expectativas de constituir família, pela média de idades em que tal fato ocorre.

Visto que, os homens, como constatado pelas proporções, tendem a se beneficiar do “mercado” matrimonial, sendo assim as mulheres a partir dos 30 anos têm mais dificuldades de encontrarem um parceiro.

Seguindo as pistas de Berquó, Goldenberg (2000) aponta que “a proporção de mulheres economicamente ativas cresce significativamente no Brasil. (...) Quanto mais instruída, mais a mulher trabalha fora de casa: 64% das mulheres com nove anos ou mais de escolaridade são ativas economicamente” (ibidem, 2000, p. 109). Ela ressalta os fatores que contribuíram para o ingresso da mulher no mercado de trabalho: as mudanças, as necessidades econômicas, o aumento na diversidade de empregos, o mercado capitalista (aumento da expectativa de consumo), o movimento feminista, a diminuição das taxas de fecundidade e a expansão da escolaridade.

Considerando essas mudanças, Goldenberg (2000) nos apresenta três “modelos” de mulher no Brasil contemporâneo:

- 1) o primeiro, mais tradicional, é o da que decidiu ser esposa e mãe,
- 2) o segundo o da que decidiu não ter filhos e tem um investimento absoluto na carreira profissional e realização pessoal
- 3) o terceiro é o da mulher que tem filhos e tem uma profissão.

Ressalto que para este trabalho, propositalmente, foram escutadas mulheres graduadas, algumas com pós-graduação e que estão no mercado de trabalho. Muito embora, muitas delas, não estejam trabalhando nas áreas de suas formações acadêmicas. As mulheres que entrevistei ainda estão a “espreita” de tomarem decisões como as de constituírem família e terem filhos, mas já iniciaram seu percurso profissional. Concebendo os modelos de Goldemberg (2000) como tipos ideais weberianos; elas parecem estar no segundo modelo, ainda que, como mostraremos, os dois outros

produzem uma tensão com rebatimentos nas expectativas para o futuro e para suas atuais vidas sexuais.

Convém ainda salientar que os dados apresentados por Goldemberg (2000) mostram que há uma queda na participação das mulheres, na faixa dos 24-30 anos, no mercado de trabalho, pois esse período é quando elas estão tendo e criando seus filhos pequenos. As mulheres entrevistadas nesta pesquisa (apenas uma tinha filhos e nunca foi casada) não têm filhos e muitas pensam nisso como um projeto distante.

Sexualidade

Do contexto socioeconômico, de escolaridade e de implicações para os projetos de formar par, à sexualidade, convém também lembrar que, em que pese as mudanças na apreensão da sexualidade feminina, a moral sexual, ainda que bastante relaxada, tem como ideal que as mulheres iniciem suas vidas sexuais dentro do casamento.

Nas classes populares, há um imaginário de que a mulher está solteira ou por uma incompetência em conseguir um parceiro; e/ou por não se adequar à moral sexual, sendo vista como oferecida ou “puta” (FONSECA, 2000). Uma estrutura conceptual que já esteve mais amplamente espalhada em toda sociedade (DAMATTA, 1987); mas que parece estar em flanco processo de mudança, alavancada por, entre outras forças sociais, ideais e lutas do movimento feminista.

Vale enfatizar que, uma das bandeiras do feminismo é a liberação sexual. Rubin (1996) vai apontar como o controle da sexualidade das mulheres está a serviço da manutenção da dominação masculina. A história de dominação masculina nas relações entre homens e mulheres é utilizada por várias autoras feministas como um dos motes principais para as denúncias feitas pelo movimento de mulheres ocorrido entre os anos de 1960 e 1970 (SARTI, 2004). Saffioti (2005), corroborando com a noção de que o patriarcado ainda se faz presente em nossa sociedade, pontua mecanismos de

dominação-exploração que contribuem e propagam a ideia da mulher como objeto de satisfação sexual dos homens e como reprodutoras de herdeiros.

Essas questões do patriarcado contribuíram para a formação do Movimento de Mulheres, o qual foi consolidado como força política, nos anos de 1980, trazendo, assim, para a sociedade civil (para o público) questões polêmicas como a sexualidade, o planejamento familiar, a violência doméstica e os métodos contraceptivos. Esse Movimento também trouxe à baila discussões em que ratificavam as necessidades específicas da mulher, retirando-a do campo do privado e evidenciando-a como trabalhadora para além dos limites da casa; é essa politização do espaço privado que confere o maior sentido do movimento feminista².

Visto que, “tradicionalmente” a vivência da sexualidade feminina deveria se dar no âmbito do matrimônio/conjugalidade, essa premissa cultural se desdobra numa categorização de mulheres: as da casa e as da rua. As primeiras são boas para casar e as segundas boas para transar (DAMATTA, 1987). Esse aparato cultural forçaria as mulheres “de família” a invisibilizarem seus desejos e práticas sexuais fora do casamento e a buscarem pela conjugalidade. Essa compreensão foi inicialmente construída a partir de estudos entre mulheres de classe popular. No que refere às mulheres das classes médias, estudos sobre posições em relação a conjugalidade, entre não-casadas (amante, mãe solteira), apontam que mesmo circunstancialmente essas mulheres não estejam em situação de parceria fixa ou de co-habitação com o parceiro, elas continuam a “esperar” pelo parceiro ideal, parecendo querer sim, a conjugalidade (GOLDENBERG, 2000, p. 1990).

² Trazendo reflexões a respeito do estreitamento das relações entre o público e o privado para nosso tema. Visto que, a politização do privado veio à tona com o feminismo contemporâneo. Para Costa (1998) o eixo principal do movimento feminista e do movimento homossexual foi o de buscar seus direitos através da politização do privado, mostrando a inserção, consonâncias do político no pessoal.

No livro *A outra*, Goldenberg (1990), por exemplo, revela outros perfis de mulheres, as quais denomina “as outras”, são mulheres que parecem subverter, de alguma forma, “modelos” de relações mais tradicionais. Todas as mulheres entrevistadas têm alto nível de escolaridade e apenas uma não trabalha, consideram a independência econômica e financeira como imprescindíveis para a realização pessoal. Não obstante, elas “Desejam, no entanto, um relacionamento estável e monogâmico com o parceiro, não exatamente o “casamento de véu e grinalda” [...]. A família, quando surge, é a família “escolhida” (ibidem, 1990, p.65); nota-se que os modelos de relações conjugais e familiares ainda se justapõem entre “velhos” e “novos”, mas os discursos privilegiam o casal *per si* e a família se faz como uma consequência de escolhas próprias. Essas mulheres, que seguem um modelo de mulheres independentes, de modo geral, parecem entrar em contradição quando ainda optam por um casamento monogâmico e por ainda aceitarem as condições de seu parceiro, afinal de contas são eles quem conduzem a relação, já que suas identidades são construídas a partir do modelo de relação estabelecida com seus parceiros. Também, quanto a sexualidade, sempre é apresentada de modo romanceado.

Ribeiro (2006) faz uma crítica a forma como se organiza o movimento feminista, dando maior visibilidade a imagem de uma mulher feminista branca, de classe média e intelectualizada. Sarti (2004) também põe em evidência essa questão, apresentando o feminismo com marcas sociais bastante precisas; de acordo com a autora, são mulheres que tiveram uma formação educacional e inserção profissional comuns as classes mais abastadas da sociedade que “carregam” a ideologia feminista. Desse modo, “Pressupõe recursos de ordem material e simbólica não acessíveis a todas as mulheres, sobretudo na sociedade brasileira, marcada por profundas desigualdades sociais” (SARTI, 2004, p. 44).

Assim, poderia se dizer que os ideais feministas de liberação sexual têm afetado com mais força as classes médias. Essas teriam maior acesso a informações a respeito dos seus direitos sexuais e também de uma maior facilidade em “cumprir” o que propõe essa propalada liberação.

De acordo com a feminista Rose Muraro (1970), existe uma experiência diferenciada das camadas sociais no que diz respeito ao corpo e ao prazer. Ela afirma que, no Brasil, a liberação sexual está se expandindo, mas, para a autora, se faz necessário que todas as classes sociais tenham o mesmo engajamento com a escolarização e o trabalho. Nessa perspectiva, aponta que, as mulheres de classe média, independentes economicamente dos parceiros e intelectualizadas, têm uma maior liberdade sexual. A escolarização feminina é um importante marco para sua entrada no mundo público, para relações de gênero mais honestas e também para a obtenção de distintos valores e práticas, conforme Perrot (2007; 159) "o direito ao saber, não somente à educação, mas à instrução, é certamente a mais antiga, a mais constante, a mais largamente compartilhada das reivindicações. Porque ele comanda tudo: a emancipação, a promoção, o trabalho, a criação, o prazer".

Segundo o censo demográfico de 2000 do IBGE, as mulheres entre 20 e 29 anos (aproximadamente a faixa etária abordada) representaram 59,6% da população com nível universitário, contra 40,4% dos homens. E como as mulheres já representam 50% da força produtiva das grandes capitais, um número equivalente pode fazer sexo quando quer, e não quando o parceiro tem vontade.

Apesar do foco do movimento feminista atingir principalmente esse segmento da sociedade, conforme as autoras, os estudos com mulheres de classe média têm sido tímidos em abordar a dimensão sexual da vida de casadas e não casadas.

Não obstante, é preciso lembrar que ser mulher de classe média não significa assumir apenas os modelos 2 e 3, propostos por Goldemberg (2000), de inserção feminina na sociedade. Os três modelos se oferecem igualmente para os segmentos mais capitalizados economicamente da sociedade. Mas, estrategicamente, querendo me acercar do impacto econômico na vivência da sexualidade feminina, escolhi conversar com mulheres economicamente ativas e solteiras.

Assim, e frente a carência de estudos, questionei se a liberação sexual, ancorada no acesso ao trabalho e melhores condições econômicas, de fato tem chegado às mulheres de classes médias que escutei.

Conjugalidade

Goldenberg (2000), Durham (1983), Figueira (1984), Giddens (1993; 2007) apontam que atualmente as pessoas têm mais liberdade para viverem uma relação a dois da forma diferenciada do modelo tradicional. Mas, que em paralelo a isso, ainda temos e convivemos com um modelo tradicional de casal e de família. Em correlato a esses antigos e novos modelos de conjugalidade, novos roteiros estão se apresentado para homens e mulheres, essas últimas, principalmente, quando tratamos da classe média não estão mais em casa a espera do marido, enquanto esse não pretende ser provedor exclusivo lar.

Para compreender o que estaremos tratando por conjugalidade na atualidade, percorrerei brevemente sobre alguns momentos pontuais da história da família ocidental, pois os laços conjugais aqui pensados fazem referência positiva ou negativa ao modelo hegemônico de família propalado no ocidente. Vale salientar, o papel fundamental e provocador das mulheres nessas construções, estando essa história totalmente entrelaçada aos caminhos percorridos por aquelas.

Encontrei na literatura dois tipos principais de família: a hierárquica e a igualitária (FIGUEIRA, 1984). Mas, dentro desses tipos existem interferências (sociais, psíquicas e culturais) que tendem a acrescentar e/ou atenuar algumas das suas características principais, como veremos a seguir.

A primeira fase dessa família, que vai até o final do século XVIII, podemos intitular de “tradicional” ou “hierárquica” (FIGUEIRA, 1984), nessa as diferenças são marcadamente definidas e as mulheres são identificadas na sociedade a partir dos homens, sendo as relações firmadas nessas diferenças. Um dos objetivos centrais dessa família era o de manejo e de transmissão do patrimônio, e os afetos não tinham nenhuma função.

A família, nesse caso, deveria agir de acordo com a autoridade dos homens, e esses estavam respaldados pelas palavras do Direito Divino, então às mulheres cabia apenas a missão de servir e acatar as ordenações supostamente universais e imutáveis. Não havia nenhuma consideração sobre a vida sexual afetiva das mulheres, pois essas nada mais eram que um instrumento de manutenção econômica. No continente europeu as mulheres eram propriedade de seus maridos e o famoso duplo padrão sexual era a norma, e estava vinculado a asseverar a continuidade na linhagem e na herança (GIDDENS, 1993).

Esse modelo de soberania paterna persistiu, e até hoje podemos encontrar famílias com esse tipo de estrutura. Pois, as mudanças apregoadas pelo mundo moderno encontram também resistências e se distribuem de modo desigual em lugares distintos.

O segundo tipo de modelo familiar ocorre a partir da segunda metade do século XX, é o chamado “igualitário”. Nesse a família contemporânea convive com a modernização do mundo. A família, depois da década de 50, passa a se modernizar por várias causas sociais, políticas e pelo ideário “igualitarista”, em que a igualdade se faz

um ideal regulador. Há o surgimento do casal informal e da união informal. Esse casal, casado ou não, traz mudanças para a vida familiar, e passa a ser a referência do sentido de família. “O casal passou a se situar no centro da vida familiar à medida que o papel econômico da família declinou e o amor, ou o amor somado à atração sexual, se tornou a base da formação dos laços de casamento” (GIDDENS, 2007, p. 68).

Então, segundo Giddens (2007), a pergunta muda, não sendo mais: “Você está casado?”, mas sim, se “você está se relacionando?”. A segunda nos mostra a abertura de possibilidades com que os sujeitos convivem, e como as diferenças nos posicionamentos desses tornam-se mais diluídas e, talvez, mais confusas. Quanto a essa flexibilização, Bauman (2004) traz como exemplo prático o que chama de “relacionamentos de bolso”, em que os sujeitos não podem “guardar” por muito tempo (já que a roupa precisa ser lavada) e ao mesmo tempo tem-se a possibilidade de “tirar” do bolso quando preciso.

Alinhavando

Em geral, credita-se o incômodo com os ideais de modernidade na vida afetiva, sexual e na conjugalidade, aos homens de modo geral; à população mais idosa; ou aos mais pobres; ou ainda às chamadas “culturas tradicionais” (povos indígenas, do interior do país, etc.). Seguindo na contramão, nossas questões se dirigem às mulheres de classe média – idealmente autônomas, inseridas no mercado laboral, na faixa reprodutiva e solteiras ou descasadas. Assim, foi nessa linha que elaborei as questões que me guiaram: Como as mulheres estariam lidando com suas sexualidades? Como elas convivem com os ideais da modernidade (como proposto por Giddens, Bauman) na interface com expectativas de conjugalidade e formação de família? Que tipo de conjugalidade e família idealizam para si – se é que isso afigura entre seus desejos? E como tudo isso rebate e se articula em suas vidas sexuais?

Caminhos metodológicos, epistemológicos

Como já aludi, minha amostra foi composta por mulheres solteiras, com ocupação profissional (dentro de profissões mais atreladas as camadas médias da sociedade brasileira), na faixa etária dos 25 aos 35 anos e com vida sexual ativa, às quais denomino “mulheres donas de seu nariz”. Busquei por mulheres com esse perfil³ através de redes de relações, elas formaram o total de nove mulheres, quatro amigas de amigas/amigos (desconhecidas⁴), três desconhecidas e duas conhecidas.

Para possibilitar a emergência de suas construções acerca de sexualidade, do ser mulher hoje (sistemas de gênero e modernização) das relações conjugais, e como essas oferecem suporte as práticas sexuais de mulheres, me utilizei da técnica de entrevista com foco biográfico.

Sobre as entrevistas com foco biográfico

Segundo Heilborn (2004) ao tratarmos do trabalho de campo referente aos comportamentos sexuais, e mais prontamente, a sexualidade em sociedades complexas, devemos levar em conta a biografia ou a trajetória sexual das pessoas. E, Velho (2004), enfatiza o papel da história de vida, em referência ao estudo das camadas médias: “(...) nada mais “natural” do que a idéia de que cada indivíduo tem um conjunto de potencialidades peculiar que constitui sua marca própria e que a sua história (biografia) é a atualização mais ou menos bem-sucedida daquelas” (ibidem, 2004, p. 22). Mas, destaca que, estes projetos individuais são elaborados a partir de experiências

³ No roteiro de entrevista (anexo 1) coletamos dados para nos aproximarmos, ao menos que inicialmente, do perfil das entrevistadas.

⁴ Atribuimos como desconhecidas as mulheres com quem nunca havia tido nenhum tipo de contato anteriormente e as conhecidas de muito pouca ou rara aproximação.

socioculturais. “Projetos são uma dimensão da cultura, pois são expressão simbólica, são conscientes, públicos e políticos” (VELHO, 2004)

O conceito de projetos perpassa pela lógica de sociedades que passam por um processo de individualização, característico da modernidade; segundo Giddens (1993) e Heilborn (2004) para se fazer uma análise da sexualidade se faz necessário contextualizar a ordem social moderna, visto que, os estudos sobre a sexualidade, como um campo próprio de investigação, ganharam destaque com o advento dessa sociedade, caracterizada pela subjetivação dos sujeitos.

Seguindo esse caminho teórico-metodológico, no momento das entrevistas⁵, nos centralizamos na sexualidade e almejamos, diante disso, ter propiciado narrativas da vida sexual dos indivíduos, e ainda trazendo como essas questões do sexual estão articuladas com outros domínios, como o familiar. Nossa finalidade foi de verificar, através das narrativas próprias dessas mulheres, como vêm a se configurar os significados referentes aos roteiros sexuais e conjugalidade de cada um desses sujeitos e, dessa forma, também, as que são compartilhadas por esse grupo.

Acreditamos que as narrativas contribuíram para a compreensão de como são produzidos os significados por essas mulheres num dado contexto cultural. Segundo Bruner (2002) as narrativas oferecem a possibilidade de falar sobre o presente a partir de uma organização das experiências que as mesmas proporcionam, essas seriam como um elo entre o psíquico e o mundo social. Ou seja, ajudam-nos a vislumbrar, através de histórias individuais, o que faz parte da história do coletivo (VELHO, 1986).

Não tratamos de histórias de vida no seu sentido literal, pois adotamos uma escuta em que foi priorizada a perspectiva dos sujeitos entrevistados, mas de acordo com a temática a que nos propusemos (para analisar o sentido e a vinculação das

⁵ Questões para conduzir a análise (anexo 2).

categorias identificadas). Consideramos que essas narrativas são elaboradas e reelaboradas pelos sujeitos com o intuito de oferecer um sentido nas e às relações em que está inserido bem como a eles mesmos, talvez, nesse aspecto, até diante da relação que estariam tendo com o próprio investigador; “meu trabalho de campo foi passando de uma pesquisa *sobre* para uma pesquisa *com* crianças [mulheres]” (CORSARO, 2005, p. 445, intercalação e grifos meus).

Na análise, priorizei a voz ativa das nativas, pois essa confere, com o uso do discurso narrativo, marcas de suas condições valorativas. As narrativas aliadas aos projetos de vida nos informam sobre a condição da existência na relação desses sujeitos com sua cultura, sendo, portanto, acolhidas como narrativas de um grupo (RIOS, 2004). Assim, a análise de suas narrativas fornece concepções de mundo dos sujeitos, ou seja, os recursos construídos pelo homem com e através do social. Contemplamos, nessa direção, a metodologia de análise priorizando o contexto sócio-cultural e político construído por essas mulheres. Nesse sentido, a linguagem denota e será utilizada para uma dimensão comunicativa e subjetiva da cultura e, se faz importante, nesse referencial por costurar uma dupla natureza da realidade social (realidade/ficção) (WINCH, 1979).

Como já mencionado, o trabalho foi realizado num campo já “vislumbrado” pela pesquisadora por meio de entrevistas numa proposta qualitativa; minha escolha passou, portanto, segundo Velho (1986), por motivações pessoais e também, sendo mais importante, para o exercício da etnografia no contexto das sociedades urbanas, pensando nas inúmeras possibilidades que temos para investigar o outro.

Velho (1986, 2004) põe a suposta familiaridade com o meio que o etnógrafo vive em xeque, pois concebe a prática antropológica como provedora de fronteiras e lógicas simbólicas características de cada grupo. De acordo com esse posicionamento

optamos por lidar com a perspectiva interacionista simbólica, visto que cabe à antropologia social compreender as relações entre os papéis sociais e o conjunto de símbolos em (re)criação no cotidiano. Seguindo Heilborn (2004) e Velho (2004) partiremos da análise de fronteiras simbólicas para compreender os valores e comportamentos colocados pela classe média.

Existem, sim, diferenças culturais dentro de uma mesma cultura. Dentro das práticas do cotidiano os possíveis marcadores tornam-se cada vez mais diferenciados e imbricados, e são esses formatos que constituirão possíveis fronteiras, essas não são delimitadas, necessariamente, pelos que estão do “outro” lado: “intersecciones menos formales como las de gênero, edad, estatus y experiencias únicas” (ROSALDO, 1991, p. 37).

As entradas num campo bem próximo

Iniciei o campo de pesquisa pelas ruas, mais precisamente pela orla da praia de Boa Viagem. No caminho, num horário em que esperava encontrar a praia com bastante gente, fui pensando: como identificar pessoas com o perfil que quero entrevistar? E, como mostrar meu tema? Não sei se eu mesma iria falar com alguém que nunca vi sobre um assunto particular⁶. Essas indagações estavam ainda “presas” a um medo meu de abordar um “estranho” e de invadir seu dia a dia. Então procurei falar do meu tema de forma com que esse não parecesse algo “proibido” ou tão “secreto” assim, e achava pertinente mostrar que eu estava, de certa forma, no “lugar” delas, explicava: “para entender como nós mulheres”.

⁶ Vale lembrar a tenacidade com que a sexualidade vem se mostrando entre os domínios do público e do privado. Por exemplo, Parker (1992) quando fala da sexualidade no Brasil, trazendo o carnaval, mostra que, nesse domínio (espaços públicos), o sexo não ocorre mais somente "entre quatro paredes".

O próximo era bem contíguo a mim, afinal de contas: mulher, jovem adulta, solteira, graduada, vida sexual, portanto a etnologia traçada pertence aos debates acerca da etnologia do próximo. Mas quem seria esse? Já que as diferenças entre o que consideramos o “si mesmo” e o “outro” podem ser relativizadas e também esses termos só se configuram por serem relacionais, me trazendo a possibilidade de uma análise a partir do próprio observador e também da exterioridade do objeto.

Podemos perguntar *em que* e *como* ele é exterior ao etnólogo? Poderíamos fazer várias observações quanto a essas questões, mas queremos destacar que deve existir uma proximidade necessária ao nosso objeto de pesquisa, e essa aproximação se faz por não sermos nem tão “distantes⁷” e nem tão “próximos”. Encontrei-me entre um *entre*, e é a própria alteridade que vai dar os limites:

[...] o percurso da etnologia, que postula de partida que existe o si mesmo no outro, termina numa constatação que lhe impõem seus novos campos (os da etnologia em casa): existe o outro no si mesmo – e esta alteridade corresponde à distancia necessária para que uma observação seja possível, que não se assemelha a uma simples auto reflexão. (AUGÉ, 1999, p. 63).

Meu foco nunca foi o de buscar algo de mim no trabalho etnográfico, muito embora, no decorrer das entrevistas, também passava a refletir sobre, tanto como pesquisadora, mas também, enquanto mulher e como tal nas minhas relações conjugais. Seria impossível construir uma barreira tão rígida quanto a essas relações: eu etnógrafa – outro, eu mulher – outro. As interlocutoras solicitaram que eu falasse a meu respeito em alguns momentos.

Soraia me mostrou as fotos de sua família e queria combinar de irmos juntas ao cinema: “Gostei do jeito que você se aproximou... se fosse outra falando bobagens eu não falaria dessas coisas”. E, às vezes, era eu quem sentia necessidade de conversar

⁷ A distância pode se dar adotando referências como a distancia (geográfica, cultural, social...), do ponto de observação e até mesmo do observador (AUGÉ, 1999).

sobre mim: “na minha casa é a mesma coisa”, “também ameí esse filme!”, “eu já fiz isso”. É claro que eu dava limites a minha inserção nas suas histórias, mas, com o tempo, via o quanto isso era importante para elas continuarem e se sentirem a vontade, principalmente, quando se reportavam a momentos delicados em suas vidas. Percebi que só poderia falar de sentimentos, nesse contexto, com a inclusão dos meus. E, talvez, eu mesma me sentisse mais confortável levando um pouco das minhas histórias.

Por esse caminho, em que as fronteiras são, por vezes, tênues e entrelaçadas, há a preocupação de “dar a voz do nativo” a partir de sua própria voz. Esta ajuda a construir e a delinear, na presente realidade, outras alternativas (metodológicas, técnicas, epistemológicas) à antropologia e ao papel do pesquisador.

Ao explicar o tema para uma provável interlocutora, apresentada por um amigo, a mesma se recusou e disse: “não quero falar sobre isso, porque se eu falar vou ter que mentir pra você. E isso eu não quero.” Num misto de surpresa e curiosidade, fui percebendo que, tratar de sexualidade com mulheres desconhecidas não seria como falar com amigas num clima informal. Talvez, com minhas amigas a repercussão fosse próxima a essa, caso se percebessem em entrevista. Fui adiante pelas “ruas”.

As duas primeiras pessoas abordadas não tinham o “perfil” traçado, uma era casada e a outra tinha bem mais que 35 anos. Essa última sorriu e comentou a respeito da pertinência e da necessidade de se falar sobre sexualidade a partir de uma perspectiva feminina. E, a terceira mulher requisitada na praia estava esperando uma amiga – não pensei em agendar. A amiga dela chegou. Eu ainda me achava invadindo. Não quis mais ficar na praia. Também parecia que ali não era um ambiente para isso, as pessoas queriam se divertir e não se imagina que gostariam de falar a alguém desconhecido sobre suas experiências sexuais neste contexto.

Então quando voltava para casa avistei a primeira mulher entrevistada. Era amiga de uma grande amiga minha, já havia lhe encontrado rapidamente em algumas ocasiões, mas nada além de uma troca de cumprimentos. Informei-lhe sobre minha empreitada, ela aceitou e já marcamos um encontro na minha casa. Eu me colocava sempre a disposição para encontrá-las no local que elas preferissem, mas também oferecia e propunha espaços que eu achava cabíveis para uma entrevista.

Outra dificuldade de uma escolha inicialmente “arbitrária” foi na identificação do meu perfil, por isso o uso de aspas, pois o objetivo, como dito, era de um público diversificado sem um lugar pré-estabelecido onde eu poderia, talvez, mais facilmente, ser informada sobre os requisitos necessários para ser entrevistada. Cheguei a uma moça (balconista de uma loja), falando do meu trabalho e logo em seguida mencionei que a abordava pelo seu perfil, fiz referência a faixa etária e ela riu bastante de mim, ela tinha somente dezessete anos de idade.

Na universidade parei uma mulher – que fazia mestrado em história, para a entrevista, e ela afirmou estar com pressa, mas que também, a princípio, “você não ia gostar de fazer uma entrevista comigo porque tenho valores bem distintos do que as pessoas estão acostumadas”. Quando eu mostrei que não iria entrevistá-la mais e que ela não precisava falar então, a mesma que tinha trinta e um anos, contou que nunca havia se relacionado sexualmente, mas, anterior a isso, fez todo um discurso de justificativas, a respeito de tal condição representar o valor da mulher e que só iria fazer sexo com alguém após o casamento. Muito embora, tenha ficado curiosa a respeito dos posicionamentos das outras entrevistadas.

Então busquei amigas minhas para que elas me indicassem outras amigas. Processo que também tinha algumas barreiras e que, naquele momento percebi o quanto este tema ainda é tabu nesse meio. Além de algumas desmarcações, muitas vezes,

justificadas pelo excesso de trabalho, também, ao solicitar a duas mulheres que entrevistei por mais interlocutoras, essas ficaram impressionadas com a resistência de suas amigas: “Nunca imaginei que fulana ia negar fazer uma entrevista desse tipo, ela é tão descolada” (sic).

As mulheres e biografias

Meu objetivo neste momento é o de apresentar as características gerais das mulheres entrevistadas, o que envolvera num primeiro momento alguns aspectos de suas trajetórias de vida pessoais; assim como, idade, profissão, ocupação, rendas (individual e familiar) e composição familiar; tais dados também serão apresentados sob a forma de tabela para uma melhor visualização desses sujeitos e também no intuito de facilitar possíveis retornos aqueles. Aplicarei as definições das pessoas entrevistadas como ponto de partida, vendo nelas também algo que não é imutável, mas sim objetos de negociação nas relações sexuais destas mulheres que estão situadas socialmente em termos de idade, gênero, escolaridade, ocupação profissional e classe.

Tabela 1: Apresentação sócio-demográfica das informantes

NOME	IDADE	PROFISSÃO	OCUPAÇÃO	RENDA (Individual)	RENDA (Familiar)	FAMÍLIA
Amanda	25 anos	Letras	Professora	4 a 5	5 em diante	Mãe / pai
Denise	27 anos	Administradora	Caixa	3 a 4	5 em diante	Mãe / pai
Eduarda	25 anos	Letras	Professora	2	5 em diante	Mãe
Bruna	25 anos	Psicóloga	Pesquisadora	3 a 4	5 em diante	Mãe / pai
Soraia	29 anos	Relações Públicas	Pesquisadora	3 a 4	5 em diante	Sozinha/filhos
Célia	29 anos	Psicóloga	Coordenadora de recursos humanos	5 em diante	5 em diante	Sozinha, recentemente os pais foram morar em outro estado.
Rafaela	27 anos	Turismóloga	Professora	2	5 em	Mãe / pai

					diante	
Núbia	34 anos	Publicitária	Publicitária / professora universitária	5 em diante	5 em diante	Mãe / tia
Karina	34 anos	Designer / psicóloga	Redatora	3 a 4	4 a 5	Mãe / pai

Renda = em salários mínimos

Entrevistei nove mulheres “donas de seu nariz”. A iniciação da vida sexual da maior parte das entrevistadas ocorreu a partir dos 20 anos de idade – o que elas consideravam tarde e tratavam disso com vergonha. Em termos de expectativas quanto a ideia de conjugalidade, havia mulheres que estavam namorando (vidas sexuais ativas) e queriam casar, as que tinham relações sexuais (não no namoro) e queriam casar e as que tinham relações sexuais (não no namoro) e não pensavam em casar.

Tabela 2: Vida sexual e expectativas das informantes

NOMES	INÍCIO/VIDA SEXUAL	RELACIONAMENTO	EXPECTATIVA DE CASAR	PRETENSÃO DE TER FILHOS
Amanda	17 ANOS	OUTROS	TALVEZ	TALVEZ
Denise	25 ANOS	NAMORANDO	SIM*	SIM
Eduarda	19 ANOS	NAMORANDO	SIM*	TALVEZ
Elisa	22 ANOS	NAMORANDO	SIM	SIM
Soraia	18 ANOS	OUTROS	TALVEZ	JÁ TEM
Célia	21 ANOS	NAMORANDO	SIM*	SIM
Rafaela	18 ANOS	NAMORANDO	SIM*	SIM
Núbia	26 ANOS	OUTROS	TALVEZ	SIM
Karina	17 ANOS	OUTROS	NÃO	NÃO

Outros = estão se relacionando através de outros arranjos, mas não do namoro.

*Afirmam, mas põem em dúvida uma série de questões para tal: financeira, dificuldades e medos da convivência, não querem ser dependentes, não querem perder o conforto da casa dos pais.

AMANDA

A primeira mulher a ser entrevistada foi Amanda. Desde cedo buscou sua independência financeira em relação aos pais. Construiu um quarto para ela dormir sozinha dentro da casa desses. Foi pioneira entre as amigas e em casa (tem duas irmãs,

uma mais velha e outra mais nova) em relação à prática do sexo. Sempre se relacionou com amigos, todos seus namorados foram decorrentes de amizades precedentes. Teve três namorados de bastante tempo, e hoje, “solteira sim, sozinha jamais”, mantém relações sexuais com um amigo.

DENISE

Foi a segunda pessoa que entrevistei, metade da entrevista se deu no seu local de trabalho. Precisou, pela distância do trabalho até a casa dos seus pais, morar com a tia durante a semana. Sua mãe e seu pai sempre controlaram seus horários e os lugares que frequenta. Por isso, também a preferência por morar em outro lugar, “agora posso chegar de manhã”. Teve dois outros namoros de longa duração, e agora namora a dois anos com um rapaz que conheceu no trabalho e deu início sua vida sexual. Planeja casar daqui a uns dois anos.

EDUARDA

A entrevista se deu em seu local de trabalho, numa sala fechada. Tem um irmão e uma irmã, sendo ela a mais nova, morou com o pai e a mãe (divorciados) até os oito anos de idade. Hoje, mora com a mãe e o irmão, são elas que se responsabilizam pelos afazeres domésticos, e ela tem uma forte responsabilização pela mãe. Não se comporta da mesma forma que suas amigas em relação aos relacionamentos afetivo-sexuais, se diz “careta”, ainda, embora com um discurso contraditório; não compreende o exercício da sexualidade em separado da afetividade. Inicia a sua vida sexual com um “ficante” aos dezenove anos, após algumas tentativas frustradas em namoros anteriores. Pretende

seguir carreira acadêmica algo que hoje se faz um empecilho para firmar um relacionamento sob a forma de casamento, e não se imagina sendo mãe, diferentemente de “ser companheira”.

BRUNA

Já foi noiva, sempre namorou questionando seus parceiros sobre suas intenções diante de uma relação. A experiência do término do noivado com seu primeiro namorado foi muito dolorida. Acredita que depositou toda a sua felicidade naquela relação. Sua iniciação sexual ocorreu um mês antes do término do noivado.

SORAIA

Após a morte da mãe, relata ter aprendido a “ser mãe”. Depois da primeira filha, que tem oito anos de idade, e de ter terminado o namoro com o pai dela, passou a morar junto com seu parceiro por nove anos e teve mais dois meninos. Não mais convivendo com ele há cinco meses, pois achava-o, assim como os outros homens com quem se relacionou: “fracos no jogo”. Teve experiências de relação sexual com outra mulher e, hoje, não acredita mais numa boa relação com um homem “tipicamente” heterossexual.

CÉLIA

Há pouco tempo os pais, com quem conviveu a vida toda, foram morar em São Paulo. Está se acostumando a morar só. O namorado dorme em sua casa nos fins de semana. A prática do sexo é fundamental na sua vida, não recomenda sexo casual nem para as

mulheres, nem para os homens, “o bom também é o sentido do depois”. E, diferentemente de muitas outras, não considera a traição algo aceitável, tem um posicionamento bem contundente quanto a essa questão.

RAFAELA

Foi noiva do primeiro namorado, assim como Elisa. Foi uma experiência que a faz pensar que “vou ser traída novamente”. Hoje, mora com os pais. Relata com alegria o relacionamento “sem compromisso”, por dois anos e após o término do noivado, com um amigo/namorado.

NUBIA

Não teve relações que durassem mais de um ano, refere-se a “romances”. Sua vida sexual teve início aos vinte e seis anos de idade. Utilizava um *checklist* para dispensar e/ou se interessar por pretendentes. Deixou explicitar sua crença de que “todo homem trai”, assim como Karina. Em seu relato mostra ainda a ideia de alma gêmea, de magia e de a atração ser algo “meio que inconsciente”. Procura utilizar outros termos, além dos habituais para nomear as formas de se relacionar.

KARINA

Tem medo de sair da casa dos pais. Mora no mesmo local há trinta e dois anos. Teve muitas decepções e tristezas em algumas relações o que a faz ter medo de se relacionar “sério” novamente. Acha a traição “o fim”, soube da traição de alguns namorados e,

quando ela traiu (uma única vez, na última relação) foi por perceber a falta de prazer sexual do parceiro com quem se relacionava. Diferentemente de Célia, acredita que sempre acontecerá uma separação numa relação. Considera o sexo como algo de extrema importância na sua vida.

Cenas dos próximos capítulos

Apresentados os enquadres teórico-metodológicos da pesquisa que originou esta dissertação, bem como, de modo bastante sumário as minhas interlocutoras privilegiadas, cujos relatos foram meu objeto de análise, vale que apresente muito brevemente o que a/o leitora/o irá encontrar nas próximas páginas.

Assim, no capítulo 1, **Fazendo o Checklist: em busca do encanto amoroso**, discorreremos a respeito do modo como as interlocutoras vêm significando conjugalidade e família a partir de suas narrativas sobre sexualidade e relações de gênero. Apontando como elas vêm compreendendo o modo como se tem configurado as suas relações, seus desejos e seus anseios diante de algo que é esperado - a formação de um casal, mas “nem tanto assim”. O amor, nesse sentido, vem nortear esses aspectos e suas possíveis ambiguidades. Para tanto, encontramos nas emoções e na emoção amorosa romântica elementos fundamentais para esse diálogo que, de certa maneira se estende no próximo capítulo.

No capítulo 2, **Do namoro à amizade: uma saída para o amor bandido**, apresentei recursos utilizados pelas interlocutoras para obterem satisfação nas suas relações, sem “ferir” a “imagem” de “donas de seus narizes”. Essas feridas são apresentadas sobre a forma de infidelidade conjugal por parte dos homens. Em relação

ao poderio sobre seus narizes, identifiquei na amizade colorida uma forma de se sentirem mais donas de suas próprias histórias.

Por fim, percorremos o trabalho alicerçando sobremaneira o aporte prático com sua malha teórica, a fim de apresentar um modelo que favorecesse a leitura para todas as pessoas, independente da formação acadêmica. E, nas **considerações finais**, retomei o percurso do trabalho, bem como, o conjunto das interpretações que me foram possíveis ao longo das leituras. As interações das mesmas, e as conexões da construção do conhecimento antropológico e da sexualidade feminina. Indico também pontos a serem explorados em futuras pesquisas.

Capítulo 1 – Fazendo o Checklist: em busca do encanto amoroso

Situado na introdução deste trabalho as configurações familiares encontradas no Ocidente, quero destacar neste capítulo como as minhas co-nativas vem dialogando com esse ideário, em especial nas formas de conjugalidade – e os ingredientes necessários para formar e manter o casal unido. Nesse âmbito, espero desvelar como contrastam o que está socialmente disponível como ideais de conjugalidade com o que elas próprias situam para si como ideal possível, considerando aí suas próprias trajetórias de relacionamentos afetivos/sexuais.

Antes de passar à análise dos relatos, e porque eles vão aparecer recheados de categorias emocionais, revisaremos brevemente o papel que as emoções, em especial aquelas caracterizadas como amor, vêm assumindo na formação dos pares na trajetória das formas de família e conjugalidade no ocidente – de certa forma, revisitando a recensão que já foi realizada na introdução. Nessa linha, Gilberto Velho (1986) aponta que as emoções se tornaram um elemento fundamental na construção de projetos de indivíduos das camadas médias urbanas. Uma espécie de discurso das emoções vai se reverberando na sociedade e criando uma série de efeitos.

As emoções, na perspectiva que estou trabalhando, não são entendidas como de caráter individual ou involuntário, elas são simultaneamente experiências individuais e sociais (JAGGAR, 1997). Nesse aspecto as emoções deixam de ser avaliadas como

experiências internas e subjetivas para serem compreendidas e situadas dentro das relações sociais. (JAGGAR; 1997, COSTA; 1998, CASTRO e ARAÚJO; 1977).

Tomando essa perspectiva, Jurandir Freire Costa (1998) define o amor como

[...] uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. [...] Tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser, em função do que julgamos melhor para todos e cada um de nós. (COSTA, 1998, p. 12).

Uma grande e, provavelmente, determinante influência na forma de se conceber e estruturar a família moderna, e, amplamente, a reprodução social, foi a invenção do amor romântico que passa a marcar forte presença na sociedade a partir do século XIX. Até o século XVIII a forma preponderante de organizar os casamentos eram os arranjos e acordos familiares visando a efetivação de alianças e passagem de heranças. Pouco importava os afetos recíprocos entre os indivíduos que iriam personificar, enquanto cônjuges, o acordo matrimonial. Talvez seja a individualização uma das grandes diferenças no modo de constituir a reprodução social, o deslocamento ideológico que está implicado no amor romântico e na família burguesa. Ou seja, há uma mudança na própria noção de sujeito e no lugar dos sentimentos individuais e coletivos para a manutenção da célula de reprodução social: a família.

Castro e Araújo (1977) fazem uma análise das conexões existentes entre o amor de Romeu e Julieta⁸ com o que nossa sociedade vem fazendo *com* e *do* amor e também como essa relação nos remete a uma concepção específica de sujeito. Assim, os autores apontam para aquela tragédia como um mito de origem do amor⁹, pois sua ênfase recai

⁸ Tragédia escrita entre 1591 e 1595, nos primórdios da carreira literária de William Shakespeare, sobre dois adolescentes cuja morte acaba unindo suas famílias, outrora rivais.

⁹ O amor aqui se refere a uma das modalidades de amor, uma das existentes entre homem e mulher. E é considerado mito de origem por inaugurar uma nova concepção das relações entre os indivíduos e a sociedade, passando de uma sociologia da aliança como vemos nos mitos indígenas para uma psicologia

de uma valorização dos fenômenos sociais (do público) para dar ênfase a dimensões internas das experiências (do privado).

Essa dimensão interna passa a ser a dimensão focal, à qual está subordinada a dimensão externa ou social. [...] [a dimensão interna] ela é individual, singular, articulando o homem diretamente a uma ordem cósmico-natural, dispensando a mediação da sociedade. O indivíduo nesta concepção, existe por assim dizer de dentro para fora” (ibidem, 1977, p. 142, intercalação minha).

Então a forma como se configura o amor do tipo romântico - mostrado, por exemplo, em Romeu e Julieta – somente é encontrado numa sociedade em que valores, condutas e concepções dos grupos sociais priorizam alguns aspectos, como a busca pelo que se passa “dentro” dos indivíduos, seu psiquismo e suas relações intrapsíquicas, notadamente como a concepção de indivíduos e de individualismo também ganham um destaque enorme.

Sendo assim, as escolhas dos sujeitos passam a levar em conta uma dimensão mais subjetiva e individualizada nesses tipos de sociedade, diferentemente do que encontramos em sociedades organizadas através dos sistemas de parentesco em que as escolhas ocorrem a partir de regras prescritas¹⁰ ou de algumas sociedades¹¹ em que os sujeitos não levam em conta suas ansiedades, medos, desejos para tomarem atitudes, mas sim, o seu grupo social.

do amor, na qual se dedica a explorar os estados internos dos protagonistas e não de sentimentos vinculados ao desempenho dos papéis socialmente definidos.

¹⁰ Como se sabe, Lévi-Staruss (1976) distingue as “estruturas elementares de parentesco” como sendo aquelas em que a escolha do cônjuge é prescrita por uma regra inerente ao sistema de parentesco e as “estruturas complexas” como sendo as que deixam tal escolha a outros mecanismos, econômicos, psicológicos, etc. No seu trabalho sobre os Araweté, Castro (1986) apresenta os *tivã* (desses são recrutados tanto parentes, quanto não parentes), eles oferecem uma abertura de possibilidades para algumas das relações de afinidade; reafirmando a posição “não nos dispersemos”, mas, também, por seu sentido, faz com que nem todos os membros sejam considerados parentes. E, as relações de amizade, chamada de *apihi-pihã*, ocorrem entre anti-afins, amizades que advém do casamento e que possibilitam a troca de mulheres visando a mutualidade sexual, relações que possibilitam um diálogo com os *tivã*, com o diferente.

¹¹A família chinesa, por exemplo, sempre foi distinta das formas de família do Ocidente. Na zona rural chinesa, onde o casamento e a família são muito mais tradicionais, ele é um arranjo entre duas famílias, decidido mais pelos pais que pelos indivíduos em questão.

O amor romântico incitará e constituirá o ideal de família burguesa (ALBERONI, 1988), que passará ao lugar de elo que possibilitará a reprodução social. O casal amoroso representará a unidade da reprodução e o “sentimento” será a garantia de seu sucesso.

Se, como sugerem Castro e Araujo (1977), pode-se dizer que o “mito” de origem que situa o amor romântico está na figura de Romeu e Julieta, a questão que coloco é sobre a “eficácia” do amor romântico após a sua consecução no casamento. Afinal, Romeu e Julieta¹² nunca casaram ou tiveram que se ocupar do lar e cuidando de seus filhos. Essa é uma questão cara as minhas interlocutoras: Como manter o amor com a rotina familiar?

Alberoni (1988) nos diz que se é a efervescência, traduzida em apaixonamento, que leva as pessoas a decidirem passar de um ao par, também assinala que a diferença é elemento fundante, faísca na pólvora, para que o apaixonamento se inicie. O salvador e a mocinha em perigo, casal romântico por excelência, nos remete diretamente as relações de gênero como estruturantes do par romântico. O autor também aponta, como, após o momento extraordinário, quando os enamorados se tornam casal, a partir de um dos ritos disponíveis socialmente, a efervescência sede à vida ordinária. Nesse momento, aquilo que estruturava a relação desde o início, apresenta sua face “medonha”.

As hierarquias de gênero continuam a definir posições assimétricas para as mulheres e homens. A família permanece lugar de afirmação de desigualdades, cabendo a mulher a responsabilidade por uma quantidade de serviços superior a dos homens e restritos aos cuidados do lar e das crianças. E, aos homens, o papel de provedores e do público.

¹² Segundo Castro e Araújo (1977) Romeu e Julieta se tornou um casal marco na história das relações entre indivíduo e sociedade e da concepção de amor transposta no ocidente.

A sexualidade das mulheres continua posta a serviço da procriação, enquanto que para os homens relacionamentos extra-conjugais são permitidos (muitas vezes, novamente guiados pelo amor romântico¹³, que ganha força dado ao impedimento social).

O ethos do amor romântico teve um impacto duplo sobre a situação das mulheres. Por um lado, ajudou a colocar as mulheres “em seu lugar” – o lar. Por outro, entretanto, o amor romântico pode ser encarado como um compromisso ativo e radical com o “machismo” da sociedade moderna. (GIDDENS, 1993, p.10).

Ao que parece, o sistema de sexo-gênero, descrito e analisado por Rubin (1993), permanece guiando as relações, e a ideia de igualdade e respeito a individualidade da escolha, continua a serviço das trocas que apenas favorece os machos da espécie. Mantém-se a opressão das mulheres.

Giddens (1993) irá dizer que na contemporaneidade a sociedade ocidental conseguiu deslocar o amor, de romântico a confluyente. As relações entre homens e mulheres, em especial a entrada das últimas no mercado de trabalho e a conseqüente independência financeira, exigiu outros arranjos de conjugalidade. Igualdade e democracia surgem como ideais para pautar a vida afetiva e sexual do casal.

A questão que buscarei responder no restante deste capítulo é como as mulheres entrevistadas vivem as possibilidades de conjugalidade. Por qual dos modelos disponíveis se pautam para narrar suas trajetórias de formar par. Como avaliam seus relacionamentos e pares.

1.1 - Conjugalidade

Nenhuma das mulheres entrevistadas, relembro, passou pela experiência do casamento formal. No entanto, seja por ouvir falar, seja por vivenciarem dentro de suas

¹³ O amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo.

famílias de origem a conjugalidade dos pais, não se negaram a falar sobre modelos e ideais.

Para Giddens (2007) as mudanças que atingem pontos nodais de nossa vida emocional são as mais difíceis de avaliar, ao passo que consistem nas mais importantes transformações que vem ocorrendo no mundo, são elas as que se vinculam com a sexualidade, com os relacionamentos, com o casamento e com a família. Como vimos, essa última tem sido alinhavada como um local de batalhas entre passado (tipo tradicional) e modernidade:

A maior parte da vida familiar, porém, foi transformada pelo surgimento do casal informal e da união informal. O casamento e a família tornaram-se **instituições casca**: ainda são chamados pelos nomes, mas dentro deles seu caráter básico mudou”. (ibdem, 2007, p. 68, grifos meus).

Estas “instituições casca” foram reafirmadas pela maior parte das mulheres quanto a expectativa de estabelecer um vínculo mais formalizado como o casamento. Embora, algumas delas façam referência a um futuro casamento em seus aspectos mais tradicionais: a igreja, a festa, o padre, etc; ainda assim introduziram algumas variantes dentro desses aspectos supracitados, como: não pensar em filhos, o adiamento da saída de casa (comodidade da casa dos pais e, talvez, cuidado com eles), maior tempo no namoro (maior conhecimento do outro e mais planejamento) e uma ocupação profissional.

Embora a maioria tenha se unido como casal formal ou informal, acrescenta a constatação de Giddens (2007) sobre a conjugalidade na contemporaneidade, à mudança também dos nomes. Como sugere o desenrolar de minha conversa com Núbia:

É, eu fico botando os nomezinhos. (...) Sei lá, acho que isso foi tão banalizado, o casamento, as pessoas casam pra tirar foto, não escutam nem o que o padre ta falando, eu não quero. **Se eu fosse**

casar na igreja eu ia falar que eu quero o discurso assim, assim, assim. Então eu acho que quando eu fico mudando as palavras, escolho outras palavras, denomino de forma diferente é que eu denomino dentro de um conceito do que eu acho que eu acredito. Então marido tá banalizado, esposa tá banalizado, sabe? É um companheiro, alguém pra brigar, fazer as pazes, pra lutar junto, eu ajudar, ele me ajudar. A gente tem sonhos juntos, eu ajudá-lo em sonhos que são só dele, ele me ajudar nos sonhos que são só meus. Eu acho que inclusive é uma visão mais romântica do que qualquer outra, não é? (Núbia)

Esses “nomezinhos”, como já dito, trazem questionamentos sobre os modelos concorrentes de família na atualidade; é claro que não é o simples fato de uma mudança individualizada dos nomes tradicionalmente atribuídos, mas a todo um contexto social e cultural de como os sujeitos envolvidos nas diversas formas de relação vem se posicionando, tanto no namoro, nas amizades, no casamento, entre outras relações possíveis. É interessante, dentro dessas várias posições que podem vir a assumir, a maleabilidade do significado de compromisso e na possibilidade que esta dinâmica de acordos fomenta para a reinvenção ou resignificação de conjugalidade e também de família.

Segundo Adriana Wagner (2002) entre as formas de conjugalidades mais comuns estão desde o casamento mais tradicional monogâmico, passando pelo casamento aberto até a união consensual (ou estável). Nesse sentido, o termo “arranjos conjugais” indicado por Durham (1983) tenta denominar os diferentes tipos de conjugalidade vivenciados no final do século XX.

Ao mesmo tempo em que há a troca de nomes para designar os agentes e as relações conjugais/familiares, ora para redefinir esses “arranjos”, ora para simplesmente tentar mudar os possíveis papéis que eram ou são assumidos quando os invocamos, observamos um movimento contraditório quando o discurso de Núbia busca (re)romancear esse novo par: permanece a ideia do amor romântico de estar juntos no “bem” e no “mal” e no planejamento de sonhos.

Mas, com um diferencial, sem omitir os sonhos que são próprios a cada um dos pares, trazendo a ideia de individualidade e/ou de autonomia, como veremos adiante.

Questiono Núbia a respeito do casamento:

Núbia: Alguma coisa que eu sempre pensava era em ser mãe, desde pequena, sempre pensei. Quando alguém me perguntava isso, eu respondia: Ah! Eu quero ter filhos. Pra mim essa coisa de casamento nunca foi... minhas primas, todo mundo falava nitidamente em casar. Pra mim assim, casar não era tão importante, sabe? Era ter filhos. Só que para eu ter filhos, eu preciso ter filhos com alguém, né?

Fernanda: Mas, hoje em dia não.

Núbia: Mas, então, sei lá, de repente. Mas, eu tenho vontade de casar, de casar com festa inclusive. Com uma celebração, não nesses moldes, mas com uma benção sim. Tenho vontade sim, de um ritual e tal. Mas, agora assim, não casar não me frustraria em nada ao contrário de não ter filhos, aí sim. Eu vou poder seguir minha vida e ser feliz, mas eu tenho plena consciência de que vai faltar esse pedaço. Sabe? que essa pecinha sempre vai ficar faltando, corrigindo, não é ter filhos, é engravidar. Que eu não me vejo com problemas em adotar um filho. Acho que até é uma coisa que me encanta. A coisa do gerar um filho, do engravidar é uma coisa que eu quero muito, sabe? é uma coisa que eu quero muito, que eu desejo assim imensamente, sabe?

Em outro momento, Núbia responde: “não tenho problema em **ter** que morar junto” (sic) [grifo meu], mas também revela, como na citação acima, a “vontade de casar com festa, inclusive” (sic). Tais enunciados denotam ambiguidade ao tomar um posicionamento a respeito de formar família. Há uma transição do desejo, ou melhor, do que parece uma obrigação do “ter que morar junto” (sic) com o de casar, mostrando a forma com que isso pode estar variando.

Assim como, seus posicionamentos quanto aos planos para estarem casadas, também refletem sobre o papel que a família tem hoje, o de suas próprias famílias de origem e nas suas trajetórias dentro dessas famílias. Essas prováveis futuras famílias, muitas vezes, parecem estar traduzindo mais um ideal e/ou um reflexo de suas atitudes

em suas relações. A família é considerada importante, mas, diante das várias e novas circunstâncias atreladas a essa formação.

Salem (1980) ao avaliar as diferenças e semelhanças entre gerações em famílias de camadas médias e onde os filhos e as filhas (jovens adultos) ainda moram na casa dos pais, observou a partir dos distintos estilos de vida entre as gerações que:

“[...] os jovens vivem uma época de afluência, gozando de uma adolescência prolongada, caracterizada pela ausência de responsabilidades de trabalho doméstico e extradoméstico. A jovem geração possui condições de vida que propiciam a busca do prazer imediato, configurada por experiências com tóxicos e com a sexualidade. [...] As experiências hedonistas representam uma busca de alternativas, elaborada com bastante cuidado, a fim de evitar rupturas com o esquema familiar”. (ibidem, 1980, 122).

A esse respeito, Bruna vinha narrando suas histórias de relacionamentos conjugais, sempre dando a entender que seu propósito principal era o de constituir família com alguém. Por isso optei rapidamente na pergunta a respeito de sua forma de pensar família. Foi interessante que, apesar do desejo visível em querer casar, não pronunciou essa palavra em momento algum e fazia parecer que era uma vontade impossível de ser atendida, seja por ela mesma, seja pelo contexto sócio-cultural em que vive e também por suas experiências anteriores. Antes de ela iniciar, propriamente, uma relação, questiona seu futuro parceiro se ele tem intenção de casar, “eu tenho que ver se os nossos objetivos são os mesmos, senão eu perco tempo”.

Ela teve sua primeira relação sexual com seu ex-noivo no último ano de noivado (durou dez anos) e a encerrou por descobrir que ele estava namorando com outra pessoa. É muito provável, também pelo conjunto das outras histórias, que isso justifique sua descrença no futuro do casamento. Mas, neste momento daremos destaque ao que ela planeja como família:

O que eu penso assim eu acho que é como toda mulher pensa, pelo menos, assim, na minha percepção, né? Mãe, dona de casa, que trabalha fora também, aqueles mil e um papéis que tem, né? Mas, eu acho que eu vou ser uma mulher assim meio exigente com o marido, que ele tem que estar ajudando também, que eu não vou estar fazendo as coisas sozinha, aquela coisa toda. Eu acho que é mais por aí, coisas que eu vejo, minha mãe lavando prato nos domingos e meu pai estendido no sofá. Eu não vou aceitar isso comigo. Eu acho que vai ser mais por aí, eu acho que vai ter muito essas brigas de responsabilidade doméstica. (Bruna)

Observamos que há uma expectativa de mudança, trazendo uma perspectiva mais igualitária para a relação, percebe que não dá mais pra seguir a história da mãe se quiser atualmente ser feliz a dois. Demonstra a possibilidade de configurar novos arranjos para a relação, afrouxando os papéis tradicionalmente impostos pelo sistema sexo/gênero. Ela quer um marido que também seja dono de casa. Ela também amplia um desejo seu a outras mulheres e realça o “papel” da mulher como dona de casa, mostrando que esse ainda se mostra confuso.

Mas, seguindo na contramão de um olhar positivo sobre essas possíveis transformações, notamos que a mulher para Bruna precisa ter esses “mil e um papéis” para poder pedir e ainda ter que brigar para trazer o marido para os afazeres domésticos. É evidente na ideia dessa interlocutora de que é a mulher quem precisar estar manejando a inserção do homem nas “responsabilidades domésticas”, além dos manejos emocionais que, geralmente, são atribuídos a elas, pois foi conferido as mulheres uma “maior” facilidade em falar de sentimentos, já que essas vêm tendo maior contato com a literatura, principalmente com romances, com revistas e principalmente com os cuidados dos filhos, algo que requer maior conhecimento sobre a forma de lidar com o outro emotivo e pela sua própria “condição” de “rainhas do lar”.

Seguindo essa ideia, Karina pontua como seria uma mesma atitude sua em dois momentos distintos da relação, quando com o rapaz que mantém um relacionamento em que se intitulam como amigos e como acha que seria quando casada:

E, quando é casal assim também entra muito a questão de dinheiro, eu vejo isso lá em casa. Eu tenho uma resistência muito grande, uma predisposição minha, que eu já sei que é herdada da minha mãe. Porque pra minha mãe: homem que não banca a casa, não é homem. Eu não quero isso. Mas, eu sinto as vezes que...eu não me incomodo que agora eu to trabalhando, esse menino que eu tou tendo uma história não está. Eu não me incomodo de sair e pagar tudo, eu fico até feliz, ta entendendo, mas eu fico imaginando se eu fosse viver com ele e ele me pedisse dinheiro emprestado como já aconteceu lá em casa, entendeu? Ah! Depois te pago, depois te pago! E, a coisa se tornar tão comum como é lá. Eu acho que casamento, essas questões que parecem bobagem não são. Morro de medo de casar! (Karina)

Assim como com Bruna a divisão sexual de papéis fica bem clara e o casamento é mais bem visto quando o homem é o provedor e a mulher precisa ser cuidada e “bancada”. Para justificar esse posicionamento fala de uma predisposição, a partir da ideia de herança, em corroborar com o pensamento de que o homem sustenta.

Quando observamos esses dois momentos de uma relação podemos pensar que uma das diferenças se refere a essa divisão de papéis, mas também acrescentamos e misturamos algo de ordem afetiva: o que faz antes do casamento se “ficar até feliz” por emprestar dinheiro ao parceiro, mas depois isso se tornar um incomodo? Provavelmente, tal fato, ser relaciona com a emoção amorosa instigada pelo amor romântico, que tem como ingrediente principal: desenraizamento, e alienação dos outros e do passado (ELIAS, 2001). Essas, portanto, provocam uma espécie de clima em que o casal se sente exclusivo no mundo, é como se nada, no caso, nem o “bolso” pudesse atrapalhar a parceria.

Também fica claro o momento de mudanças em que essas interlocutoras se encontram, os “velhos” e os “novos” “arranjos conjugais” estão dialogando de modo a

trazerem contradições e inseguranças quando se pensa em fazer uma opção a respeito de si mesmas e de suas relações, ao mesmo tempo em que ampliam as probabilidades de escolhas. E, acrescentamos a isso, os muitos sentimentos que estão envolvidos nesse “jogo”, esses interferem e são interferidos por essas possibilidades existentes: casar, casar e morar em casas separadas, morar junto sem casar, namorar, ficar, só transar, sexo casual, namoro e sexo virtual... Ao que parece todo esse “campo movediço” insurge pela vontade de mudança dessas histórias que são delas e que também não o são, pois tratam de gerações de mulheres, de famílias e de uma complexa gama de sentimentos.

Fica evidente uma expectativa por parte delas em assumir alguns roteiros, muito embora, também exista um grande recuo em relação aos mesmos. Entre esse compasso de espera veremos que muitas das narrativas nos remetem a um modelo ideal de relação, geralmente, voltada para os contos de fadas infantis, pelos livros de romances vendidos nas bancas de jornal, pelas telenovelas brasileiras, mas também pela busca de autonomia e de um modo de se relacionar em que as decepções não sejam tão danosas, talvez por isso mesmo a expectativa tenha a ver com o “calhou de encontrar” de adiante.

1.2 - “Se calhou de encontrar...”, sobre os encantos no projeto afetivo

Ainda que não almejem para si a vivência do modelo comum de família e conjugalidade, todas as mulheres entrevistadas tem trajetórias, mais ou menos longas e diversificadas, de encontros amorosos.

Como alude Karina, a satisfação sexual é importante para elas, e partilham da crença de que essa deve ser vivida no âmbito de uma relação afetiva. Nesse bojo, minhas entrevistadas vão narrar um conjunto de vivências relacionadas a projetos

afetivos, que ainda que tenham falhado, são contados como se conta contos de fadas, porque são carregados da “magia do amor”.

Não posso afirmar que minhas interlocutoras (ainda) sonham com “príncipes encantados”, mas todas elas fazem referência ao prazer do encantamento que encontram em algumas parcerias afetivas. Essa categoria, que remete a uma experiência extraordinária, é eloquente no relato de Karina, sobre o namoro com João:

A gente se conheceu, na época que eu cantava [...] e ele sempre ia assistir. Ele ia sozinho...aí sei que a gente se conheceu. Foi se *encantando* e acabou namorando, que pra mim: poxa! Fulano namorando! Não acredito! A gente passou um ano namorando, mas aí chegou a hora dele...rsrs.. De ir pro mundo, de volta, só que eu já sabia que isso ia acontecer...Ele quando a gente começou a namorar ele tava muito *encantado*, todo mundo dizia: meu Deus! Fulano tá muito diferente! Chegou o carnaval e eu não fui para o carnaval e ele saiu sozinho e um cara que eu já tive uma história veio me contar que ele tava com uma menina. (Karina)

O sentimento de unidade e a “magia” foram marcadamente citados pelas interlocutoras para falar dos encontros com parceiros que, ao menos por algum tempo, acreditaram ser sua “alma gêmea”. Destaco que o período de encantamento carrega uma imagem de totalidade que o outro parece proporcionar.

Alberoni (1988) nos lembra de alguns fenômenos que ajudam a configurar o enamoramento, que possui o sentido de completude (mesmo que momentânea) expresso nos relatos que obtive. O encantamento de minhas interlocutoras ou enamoramento de Alberoni, parecem estar associados, por um lado, às diferenças entre os seres e por outro à individualização das pessoas. A ênfase na singularidade das trajetórias individuais, na possibilidade de mudança e na confluência entre satisfação sexual e afetiva, a qual só se concretizará com uma única pessoa (alma gêmea) parece mobilizar os sujeitos para as suas buscas amorosas.

O encantamento, ainda que extraordinário, não é percebido pelas mulheres como algo que elas têm agência para realizar. Às vezes, algumas relatam cenas em que se preparam para seduzir alguém, como relata Denise:

Eu ia de salto, tudinho, bem arrumada e ele dizia que eu era amostrada. (...) A gente se olhava mesmo. Sabe quando você tá assim e percebe que tem alguém olhando para você, aí pronto! Eu percebia assim que ele olhava pra mim e eu olhava pra ele, ele virava o rosto, aquele negócio que a gente não explica. (Denise)

Também tentam fazer *checklists*, com características ideais de um parceiro, e até encontram alguém que atenda a todos os requisitos, mas o encantamento não chega:

Não bateu! Mas, só que ele é tão perfeito, não é que ele seja perfeito, mas poxa! Ele agradaria milhões de pessoas, sabe? mas, é aquela coisa, não bateu! Aí o *checklist* funciona, aí eu vejo ele é isso, ele é aquilo, mas não, não dá pra mim, mas quando você sente, sabe?...quando eu falo não é a química, química, a pele, atração, meramente sexual, não é isso, eu acho que tem mais coisa, de alguma forma aquela pessoa te encanta. Porque uma coisa é atração sexual, que você tem uma pessoa, mas não dá para se relacionar com ela, porque vocês são diferentes, porque ele é muito mal educado, porque ele é bruto, mas você tem aquela química sexual, digamos assim, nunca aconteceu comigo só isso. Mas, sei lá, eu acho que existe isso, sei lá, o amor bandido, aquele que é só na hora do sexo. Mas, quando eu digo assim que bateu, que eu costumo usar essa expressão, que quando bate, bate. Não é só atração sexual porque, às vezes, já aconteceu de eu olhar... (Núbia)

Romance, “almas gêmeas”, prazer, química e olhares compõem o conjunto de narrativas de Núbia, e são temas recorrentes entre as interlocutoras e que nos mostram as vicissitudes de seus relacionamentos:

Esse de, um pouquinho mais que uma semana, com esse carinho da Espanha, acho que eu vivi com ele todos os estágios de um namoro em 10 dias. A gente se conheceu, a gente ficou junto, a gente passou um final de semana numa praia, a gente sabe? Fez várias coisas...risos. Aquelas coisas de andar juntos de mãos dadas à noite, a gente *ficou junto* na praia...ajeitei o café da manhã para ele tomar, essas coisas que são bem triviais assim. Mas, que, às vezes, você não vive com as outras pessoas, e já para outras pessoas, por

exemplo, tem gente que diz: “eu tive uma namorado de 4 meses que a gente só fazia sair, ia para um barzinho, mas a gente não...”. Teve um outro carinha que eu jurava que era a minha alma gêmea, de verdade assim, pela primeira vez na vida eu pensei ele é minha alma gêmea. Eu me lembro, eu falei pro meu pai, deitada no colo dele: Painho, ele é minha alma gêmea! Ele disse: se for pra ele ser seu, ele vai ser. Uma hora ou outra, de um jeito ou de outro. Entendeu? E, assim a gente se conheceu num barzinho, e sabe aquela coisa que parece que você já conhece a pessoa há séculos, e a gente tinha afinidades porque a família dele também é de Campina Grande, ai sabe? Aquela coisa. E aí ele tinha vindo a trabalho, então a gente passou o final de semana, a gente saiu pra jantar, daí no outro dia a gente se viu, só que ele morava em Manaus, né? (Núbia)

Núbia só se relacionou com pessoas que moravam em outras cidades, nunca teve um relacionamento contínuo, e vive também na expectativa de encontrar uma pessoa para namorar. Designa por namoro quando “a pessoa vinha na minha casa, mistura as turmas e está sempre junto”, por isso reafirma por diversos momentos ter tido romances e não namoros.

Assim, eu acho que é mais fácil é...eu dizer que eu tive várias, digamos assim, porque várias também é muito relativo, mas eu acho que eu tive mais romances do que relacionamentos. Aquela coisa do relacionamento padrão, a família envolvida, um dentro da casa do outro, esses namoros sérios, digamos assim. Eu acho que eu tive mais romances mesmo, não que fossem pessoas alheias a minha família. (Núbia).

Para Nubia romance é algo passageiro em oposição a relacionamento, que faz núcleos familiares se envolverem. O romance deixa de significar o trajeto de enamoramento de duas pessoas até a formação do casal sacramentado pelo matrimônio, e ganha o sentido de envolvimento rápido, ainda que marcado pelo encantamento.

Ela narra com saudades os momentos de encantamento, mas não, propriamente dos rapazes com quem se relacionou. Relações foram apresentadas de forma a parecer que havia uma intervenção “divina”, de algo que não se pode explicar, pois perde literalmente as palavras: “mas a gente não...”.

A inclusão do termo “alma gêmea”, “conhecer a séculos”, e de algo único “se for pra ele ser seu, ele vai ser”, indicam a crença nos ideais do amor romântico. Núbia trata com pesar não ter se relacionado sob o formato do que entende por namoro:

Sei lá, assim, acontece tanta coisa, a pessoa vai ficar chateada, a pessoa perde um ente querido e você tá lá, então tem situações que você vai viver ou não, dependendo do tempo e das coisas que acontecem durante aquele tempo, né? Então, eu acho que é mais ou menos isso, eu vivi várias coisas com pessoas diferentes e esse não, e esse, realmente assim, eu era apaixonada por ele. Eu jurava que ele era minha alma gêmea por N coisas e tal. (Núbia)

Considera esse rapaz que advinha da mesma cidade que a sua, de “alma gêmea”, mas se referiu a outros rapazes com quem se relacionou da mesma forma. Como observamos na narrativa alocada ao primeiro parceiro sexual e afetivo de sua vida, que veio a falecer, essa também nos remete a um estado de transcendência e de diversas emoções relacionadas ao sentido de “alma gêmea”. A saudade, os planos, os encontros e desencontros todos compõem um conjunto de elementos que mesmo que se aborreça com alguns deles são especiais, talvez pelas próprias intempéries da maioria deles.

1.3. - O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou...

Engraçado, antes de tu chegar eu tava conversando com um amigo meu, que está com problemas no namoro dele e tal, e ele disse: “tu tá sofrendo o mal das mulheres com mais de 30, inteligentes, independentes, bem-sucedidas, pararara, que eu tava falando com ele e revendo algumas coisas, tipo: você chega numa certa fase da vida que você faz um “checklist”: “fulano, tem isso, tem isso, não, não quero pra mim.” Jesus! Isso é horrível! (Núbia)

Estou de volta ao *checklist* de Núbia, para questionar o desencantamento pelo qual passam as mulheres que entrevistei. Parece-me que, para além da curva da solidão

feminina, sobre a qual alude Berquó (1984), e que poderia situar a fala do amigo de Núbia; os insucessos afetivos referidos por todas as nossas entrevistadas convergem para a dupla moral sexual que guia a vida afetiva dos casais heterossexuais.

A satisfação sexual na relação a dois é expressa no que está para além do *cheklist*: império da “química” que “quando bate, bate!”. Há um claro atrapalho ao falar disso, já que, para Núbia, por hora a “química” pode ser, como também pode não ser sexual, mas não consegue explicar quando ela “não é só atração sexual”.

Karina traz de modo perspicaz o sentido que atribui a conjugalidade e suas expectativas: “Não dá pra pensar que tudo vai ficar bem. Ou serei eu, ou será ele quem se interessará por outra pessoa”. Entende que não há possibilidade de conciliar sexo/desejo durante um tempo com uma única pessoa e por isso o “final nunca é feliz”.

Complementa que está cansada de achar que vai ser bom, pois raramente é como imagina. Mas, também não se sente nem mais, nem menos feliz por ser solteira, já que gostaria de estar se relacionando, mas tem receio de se engajar numa nova relação.

Declara:

Se eu tivesse em condições de me doar mais, eu gostaria sim! De tolerar as pequenas coisas. [...] Se as pessoas não são como gostaria, eu não permaneço com elas. Eu parto para outras, eu não fico tentando mudar quem eu escolhi para estar comigo. (Karina)

Este “me doar mais”, relacionado com não querer que seus parceiros interfiram no seu modo de viver a vida, traz a ideia de Giddens (1993) a respeito do que denomina por “relacionamento puro”. Designando uma relação que é estabelecida e mantida a partir dos benefícios da própria relação, pelo que cada uma das pessoas pode oferecer para esta e que só tem continuidade quando ambas as partes consideram que existem satisfações, ganhos e prazeres suficientes. Mudanças e dificuldades inerentes a elas não são bem vistas e quando isso não ocorre “parte-se para outra” pessoa, como dizia

Karina. No “relacionamento puro” não há a “exigência” do “felizes para sempre” do amor romântico, nem a de unicidade, e as posições para homens e mulheres na relação não são tão definidas.

Se o encantamento amoroso acontece, ele vem tendo para as nossas entrevistadas um curto prazo de validade, “ele não me via mais da mesma forma” (Karina). Nesse caso, a idealização, que fomentava a relação, se encerrou, “não sei se ele já estava se envolvendo com outra pessoa ou se enjoou de mim” (Karina). Ela não era mais uma “princesa” que somente cantava, mas que tinha outros atributos e características, fatores que podem ter corroborado para ele sair da relação. Também quando ninguém mais (a sociedade) se importava com a diferença de idade (10 anos) entre eles, ocorre o que Alberoni (1988) chama de amor ordinário ou de vida ordinária, quando a efervescência, a paixão cessam e, nesse sentido, as diferenças que desigualavam e eram “boas” inicialmente começam a operar.

O “sistema sexo/gênero” aparece nos diversos âmbitos pelos quais a relação se configura, seja no trabalho, na vida doméstica, na sexualidade. No caso de Karina, a prescrição sobre a sexualidade foi o “ponto chave” pois, talvez, fosse a única coisa que realmente desigualava os dois. Assim como observei nas relações das outras interlocutoras e, no caso, a “traição conjugal” é o que tem marcado essa diferença.

Ao que parece, mulheres com essas características lutam contra sentimentos ambíguos: o de querer se relacionar e o de não querer tanto assim, pois “tou cagona pra me relacionar!”, mas, “não posso viver sem sexo” e complemento “não quero perder mais a confiança nas pessoas [em relação a traição conjugal]”. Fiz uma costura das falas de Karina para poder mostrar esses ideais, visando compreender que, elas os vivem contraditoriamente.

Talvez por toda essa complexidade de sentimentos e de desejos que não consegui vislumbrar quem eram, propriamente, os homens com quem essas mulheres se relacionaram, “apenas” que foram infiéis e as repercussões disso. Mas ficou claro o clima do romance, os momentos considerados ímpares nas suas relações. Podemos pensar que isso se deve ao fato de ela não ter se relacionado por mais tempo com nenhum deles, mas acredito que não, pois grande parte das outras interlocutoras, com exceção de Karina, não conseguiu passar muita coisa a respeito das características, dos gostos, das afinidades e das identidades dos homens com quem se relacionavam.

1.4 - Reflexões. Quando o príncipe cai do cavalo...

Após uma grande decepção amorosa, quando o “príncipe caiu do cavalo”, Bruna parte para compreender a si mesma:

Assim, era um relacionamento saudável tudo. Mas, assim como eu tinha muito aquela idealização do príncipe da minha vida, aquela coisa toda...eu tinha muito com ele, sabe? Tipo se não for com ele não vai ser com mais ninguém. E, aí quando o noivado acabou foi por terra todos os meus sonhos, aquelas coisas todas e aí joga fora enxoval, joga fora aliança. Dividir as coisas, que a gente já tinha comprado aquele monte de coisas, né? E aí com esse relacionamento, não com ele, mas com o fim dele, eu pude estar aprendendo assim...que eu tinha que ter os meus sonhos, mesmo que a gente queira construir uma vida em conjunto, mas eu tinha que ter assim, uma coisa que era minha, individual, e que eu não precisava estar assim sempre a mercê de alguém, subjugada a alguém. Então, eu acho que isso foi o que mais marcou nesse relacionamento e acho que com os outros que eu tive, eu procurei assim, ver que o namorado é só um aspecto da minha vida, mas que não é o tudo. Acho que foi isso que me marcou muito. (Bruna)

Parece-me que Bruna aprendeu a reconhecer que ela pode ter seus desejos próprios. Já nos lembrava Simone de Beauvoir (1980) da associação comum entre o ser mulher e não ser dona de seus desejos – “ter seus limites e suas opções estabelecidas

por outros”. Segundo a autora, elas sempre foram guiadas por falsos benefícios da sociedade patriarcal e não pensavam que poderiam recorrer a seus próprios pensamentos, mostrando, por exemplo, que um relacionamento se refere a uma parte de sua vida, mas não é ela. Apontava que é somente através do trabalho que as mulheres podem se tornar livres: “A evolução econômica da condição feminina está modificando profundamente a instituição do casamento: este vem se tornando uma união livremente consentida por duas individualidades autônomas” (BEAUVOIR, 1980, p.165).

De acordo com a pesquisa de Souza e Alvarenga (2007), com mulheres brancas de escolaridade fundamental, as mulheres conquistaram uma falsa liberdade. E, justificam esse ponto mostrando que o problema está na forma como se configuram as parcerias conjugais, pois essas não permitiriam que as mulheres desenvolvessem sua individualidade, tão pouco, e conseqüentemente, a sua liberdade. Já as mulheres de nível superior, acreditam na ampliação de sua liberdade e independência através do trabalho. As mulheres que entrevistei refletiam sobre essa possível liberdade quando exigiam de si mesmas ter um bom trabalho antes de casarem ou de um conhecimento maior do parceiro por medo de entrarem numa “fria”, é como se o obstáculo fosse posto pelo outro (parceiro e sociedade). Um ponto interessante é que não percebi em alguns de seus discursos um aprisionamento às convenções de papéis, geralmente atribuídos às mulheres.

Tou pra dispensar, né? Eu fico dizendo muito assim, “eu sei o que eu não quero”. O que eu quero eu posso ainda descobrir, mas o que eu não quero eu já sei, por conta de experiências. Tipo eu sei que o cara é isso, aquilo e vou e dou uma chance, putz! (Núbia)

Núbia contava a dificuldade de encontrar uma pessoa para se relacionar, pois tinha uma história própria e de amigas de experiências frustradas. Assim como Karina menciona abaixo:

Karina: (...) só não quero namorar porque eu tô cagona (risos). Eu to com medo, pow!

Fernanda: Medo de quê?

Karina: De dedicar tempo, atenção, de acreditar que vai ser uma coisa melhor do que realmente acaba sendo. Muito medo disso ultimamente! As últimas histórias foram todas assim e aí to meio receosa.

De acordo com as suas falas fica clara uma previsão que suas relações posteriores não serão boas, ao passo que criam e negam expectativas quanto a estarem bem junto a outra pessoa. Às vezes, a própria expectativa parece ser algo indesejado para elas em termos de relacionamento, pois “vai que não dá certo” (sic). Então elas convivem com a ambiguidade de querer e não querer se relacionarem e até a de nem poder quererem se relacionar. E, para garantir o que considerava a relação que a fez mais feliz, Karina passou a aceitar que o namorado a traísse:

Às vezes ele dizia: vou pra tua casa. Ai eu ficava lá esperando, porque eu sou muito mãe, aí ele chegava muito bêbado lá: oh! Meu amor cheguei! E eu ia fazer um sanduíche: “quer um sanduíche de queijo? De queijo com presunto? Ou tu prefere de carne?, ou tu prefere que eu faça um macarrãozinho? [fala com um tom, de como algumas mães falam]. Eu acabava sendo muito tolerante, tolerante de verdade, eu não ficava magoada, mas depois que acabou que eu parei e olhei...ele adoeceu, eu fiquei com ele no hospital e ele não me dá um telefonema, aquele canalha! E, eu nunca peguei no pé, quando ele saía eu não dizia: “vai sair de novo, porque não vem pra cá!” Nem isso eu dizia! Talvez, isso possa ter faltado porque as pessoas precisam de um pouco de limite, né? Mas, eu pensando os dois são adultos, eu tenho 34 e ele tem 24... (Karina)

Karina parece se sentir atrapalhada com seus roteiros, ora de santa, ora de mãe, ora de namorada; e era ela quem ficava com a “incumbência” de manter a relação já que dela era demandado o “limite”. Em referência a esse último, Núbia também viveu uma situação pontualmente bastante parecida:

Eu tava respeitando teu espaço. Eu fiz o que 100% dos homens respondem nas pesquisas, eu respeitei seu espaço..eu tava te dando a oportunidade de escolher e de pensar. Sabe por que? Porque eu quero que uma pessoa fique comigo porque ela quer ficar comigo e não porque eu insisti, não porque eu forcei a barra, não porque eu to ali mais perto...não. Eu quero que a pessoa escolha estar comigo, então eu escolhi estar com você e eu queria que você me escolhesse. Só que olha só..." aí ele ficou assim olhando pra minha cara: "eu não acredito não". E eu: é. **Tudo bem que eu possa até ter exagerado na dose, algumas vezes eu podia ter dito algumas coisas que eu não disse. E, realmente, algumas vezes vieram aqui e não...** (Núbia)

Destaco mais um roteiro dessas mulheres: a de estarem buscando um relacionamento sem quererem invadir, protegendo, recorrendo a outros registros (as pesquisas), ou seja, até esquecemos que estamos falando de uma vida a dois e não somente de vidas individuais, e parece que as pessoas esquecem quem é, propriamente, esse outro por quem buscam. Karina oferecia sanduíche e Núbia não mostrava o que queria, ambas parecem estar em conflito quando se pensa no que elas almejam delas mesmas, da relação e de seus parceiros, tudo indica que há um processo que faz parte de uma sociedade que se denomina individualista e agora elas estão aprendendo a ser também, pois aos homens isso já era garantido.

Pelo contexto das atitudes, era em benefício de homens que careciam de uma atenção para além da de mulheres em relacionamentos conjugais, eles procuravam por mulheres para se relacionarem afetivamente, mas careciam delas um posicionamento de cuidadoras, pois no "fim da festa" ele precisava se alimentar e o outro de alguém que o buscasse como uma mãe mesmo, ele próprio confessa a Núbia: "ah! Núbia eu não sabia qual era a tua, tu ficava tão na tua, enquanto que a outra pegava no meu pé, ela me ligava, fazia questão de estar aonde eu estava, ela ficava o tempo todo junto de mim, se alguém chegava junto de mim ela meio que se aproximava"(sic). Solicitavam por cuidadoras, mas também por mulheres que não o fossem, já que, seus cuidados

acabavam não significando muito. Logo após, Karina relata: “quando eu adoeci ele nem ligou pra saber como eu tava”.

1.5 - Direitos e privilégios sexuais

Num grupo de mulheres com maior faixa etária, Goldenberg (2006), traz a biografia de uma de suas interlocutoras num relato muito forte e chocante. A interlocutora da referida pesquisa não “queria” estabelecer uma relação mais estável com ninguém e quando isso acontecia traía seu parceiro com outros homens, assim como seu pai fez com sua mãe e como seu irmão faz. E, depois de muito sofrimento, sua mãe se suicida. E, procura a autora para um desabafo:

Toda a minha vida senti raiva do meu irmão, por ele ter ficado igualzinho a meu pai. Hoje, sinto pena dele. Muita pena por ele ter herdado tudo de ruim do meu pai: o alcoolismo, a violência, o apego ao dinheiro, a grosseria e, também, as amantes. (...) Acho que me tornei tão independente por ter visto o que esse tipo de homem é capaz de fazer com a esposa e com os filhos. (Ibidem, 2006; 59)

Segundo Goldenberg (2006), o machismo mata a todos, inclusive aos próprios homens. Esse depoimento reforça e traz à tona todo um imaginário negativo a respeito de uniões, sejam elas legais ou não. E é o que muitas mulheres parecem sentir dentro dessa espécie de fuga de constituir família, sem ainda terem vivido, na condição de casadas, situações de desrespeito, infidelidade conjugal, agressões físicas e emocionais, como foi colocado.

Em suas experiências não acontece o que Giddens (1993) intitula de amor confluyente, ou se acontece, não é de uma forma satisfatória. No caso das minhas interlocutoras, o amor apresentado por aquele autor fica parecendo mais como uma teoria nativa que nem sempre reflete as vivências concretas.

O sentido dado por Giddens à parceria no relacionamento conjugal pressupõe que existam conquistas femininas, só que, ao que temos observado, essas não ocorrem no âmbito que “pressupõe a garantia dos princípios constitucionais de dignidade, liberdade e responsabilidade no âmbito da constituição e que, podem e devem ser estendidas à construção dos direitos sexuais no plano dos instrumentos internacionais de direitos humanos” (CORRÊA, 2006, p. 4). Ou seja, as mulheres têm conquistado seus direitos em alguns âmbitos da sexualidade, mas os homens parecem que permanecem assentados em privilégios sexuais, o que implica desigualdades e opressões.

Esse medo e conseqüentemente fuga de assumir uma relação e de formar família parecem legítimos diante das condições em que essas mulheres se encontram e do que lhes é conhecido, pois é grande o número de divórcios¹⁴ e de mães solteiras¹⁵ no país. Existe até o medo de estar numa relação menos marcada por compromissos como o namoro, fato que não corrobora com o ideário psicanalítico de que algumas pessoas em dados grupos sociais não estão assumindo suas responsabilidades. Não se assume porque parece minimamente sábia a ideia de não estar em relacionamentos que trazem poucos benefícios. E, essas mulheres conquistaram conhecimento e autonomia para optarem para o que lhes garante seus direitos.

Concluindo este capítulo, observo que o significado do casamento e também de uma relação menos comprometida como o namoro contém, para as minhas

¹⁴ Em 2005, o número de separações judiciais (100.448) concedidas foi 7,4% maior que em 2004, retomando uma trajetória de crescimento. Os divórcios concedidos também tiveram acréscimo, de 15,5%, em relação a 2004, passando de 130.527 para 150.714. No caso do divórcio, em 2005 foi atingida a maior taxa desde 1995. Na separação judicial não-consensual, a proporção de mulheres requerentes (72,1%) foi superior à de homens (26,3%). Já em relação aos divórcios, a proporção de mulheres cai (51,6%), e aumentam os pedidos por parte dos maridos (48,4%). Quanto à guarda dos filhos, majoritariamente, a responsabilidade, em 2005, ficava com as mães (91,1% nas separações e 89,5% nos divórcios). Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, coordenação de população e Indicadores sociais, Estatísticas do Registro Civil, 1995 – 2005.

¹⁵ Segundo o Ministério da Saúde, entre 2002 e 2003, um milhão de mulheres entre 16 e 24 anos deram à luz seus filhos, com pais desconhecidos.

entrevistadas, significações mais negativas que positivas; quando existe a possibilidade de casamento ele vai sendo adiado, seja pela interrupção que venha ocasionar no trabalho, na casa dos pais, num curso profissionalizante. Também faz parte dessa delonga inseguranças a respeito do desenvolvimento da própria relação. Assim, as narrativas contam com dois discursos que se repetem: o de buscarem se proteger e o de relações que não tiveram uma satisfação esperada.

Mas, o curioso é que elas não deixam de viver a sexualidade no âmbito da afetividade, como bem gostam de vivenciar. Ainda que permaneçam ambigualmente com o ideal de formar família, também realizam o que caracterizam como amizade, assunto a ser aprofundado no próximo capítulo.

Capítulo 2 – Do namoro à amizade: uma saída para o amor bandido

*“Corro perigo
Como toda pessoa que vive
E a única coisa que me espera
É exatamente o inesperado”.*
(Clarice Lispector)

Alfie era um homem de aproximadamente trinta anos de idade, facilmente identificado como um “jovem burguês”: branco, alto, olhos claros, residente numa cidade de ritmo entorpecente nos Estados Unidos. Certa feita ele sai às escondidas com a noiva do melhor amigo. Encontram-se a sós num bar que costumava frequentar com seu amigo, e começam a jogar sinuca, até altas horas da madrugada. Conduzem seu encontro num clima de provocações camufladas, num diálogo em tom lacônico e sedutor. Entre tacadas de sinuca e “drinks”, não precisava mais dizer o que pretendiam ali. Ele a “empurra” na mesa do jogo e transam.

Ela fica grávida dele, o amigo não o perdoa. *Alfie* diz que não sabe ao certo o que o levou a transar com ela; mas, seu único arrependimento foi por ela ter ficado grávida. Ainda assim, para *Alfie*, a vida continuou a mesma. Ninguém se perguntou o motivo de marcarem esse encontro, tão pouco se os gestos, as conversas e o tom com que foram conduzidas foram impensados.

Alfie é o personagem principal do filme que ganhou como título seu nome, *Alfie – o Sedutor*¹⁶. Ainda que o enredo e a cena se passem em contexto diferente dos que estão inseridas minhas interlocutoras, ele atualiza uma série de elementos que foram identificados em seus discursos. *Alfie*, do mesmo modo que *Romeu e Julieta*, oferece elementos para pensar de forma ampla, narrativas sobre encontros apaixonados entre as pessoas no ocidente, e de forma mais contextualizada, elementos para, no confronto,

¹⁶ *Alfie – o sedutor*, Paramount Pictures/UIP; 2004.

questionar pelas vivências concretas de atores em seus cotidianos. Alfie é uma referência do tipo de sujeito masculino, que minhas entrevistadas qualificaram como daqueles homens em que, embora o *checklist* e a “química”, a princípio se completem no “bateu”, elas temem encontrar.

Alfie mostra-se um personagem mentiroso e egoísta, a ponto disso se tornar um modo de vida. Além de engravidar a namorada do melhor amigo; trai a própria namorada, mesmo estando apaixonado. Joga charme para todas as mulheres. O fato é que *Alfie* é o homem que não perde a oportunidade de galantear e transar com aquelas que lhe provocam qualquer tipo de interesse. Alfie parece um exemplo do homem romântico de Bonnie Kreps (1992, p. 57):

Se existe o mito do amor romântico sobre os homens, ele também existe *para* eles. O mito lhes diz: seja um “verdadeiro” homem e o mundo será seu: você terá seus três pês, mulheres maravilhosas o cercarão e alimentarão sua adequação, “sua mulher” será totalmente dedicada e você viverá feliz para sempre.

Para Kreps, o significado de ser masculino, dentro do complexo mítico do amor romântico, é de que os verdadeiros homens tenham sucesso com as mulheres, bem como o de estarem sempre prontos para ter sexo a qualquer momento.

Alfie é uma regravação de *Como conquistar as mulheres*. O curioso, sobretudo, quando se compara a primeira filmagem do roteiro, com a segunda, a qual estou me referindo, é que as personagens femininas do filme não se faziam vítimas da sua condição, elas eram independentes, bonitas e com experiências em relações. E se ele não queria as mulheres como companheiras para além da transa, também nenhuma das personagens femininas queriam, realmente, ficar com ele. Na época do Natal ele procura por algo/alguém que o faça se sentir como em família e encontra uma bela

moça, mas em pouquíssimo tempo a relação finda e sua suposta vontade de formar um núcleo familiar.

Como conquistar as mulheres foi estreado no final da década de 60, dentro dos primórdios da revolução feminista. Diferentemente da última versão, na primeira, as mulheres aparecem como vítimas de uma violência emocional imposta por *Alfie*. Na época, a situação de “mulher abandonada” as faziam malvistas pela sociedade e num período em que ser mãe solteira era uma ofensa aos “bons costumes”.

Tomando *Alfie* como janela para acessar os transtornos que as mulheres entrevistadas atribuem ao namoro e conjugalidade modernas, voltarei a elas para aprofundar suas vivências da sexualidade.

2.1 - Parcerias sexuais

Para Karina “sexo bom” deve caracterizar a interação como o parceiro: “Porque homem mocho, eu odeio! Não rola!”. E, me explica o que seria um “homem mocho”:

Deixa eu ver, é quem eu sinto que não gosta de sexo tanto quanto eu gosto. Não tou nem dizendo que eu goste muito ou que eu goste pouco, quando eu sinto que há um desnível. Assim como homem tarado também é um saco! Mas, eu ainda prefiro tarado do que mocho! (Karina)

Essa interlocutora, como as outras entrevistadas, tem a satisfação sexual como algo fundamental na sua vida. Mesmo assim, o para que uma interação sexual seja, de fato, satisfatória, ela deve estar ligada ao “gostar”, algo que vai além da química do momento:

Acho que vai muito da forma...pronto..eu acho que vai mais da forma como a pessoa reage a mim e eu reajo a ela. É eu olhar pra

cara da pessoa e pensar: “como ele gosta de estar comigo!”. Muito mais isso do que se fazer sexo oral, sexo anal...muito mais...é muito mais eu olhar pra cara da pessoa: “meu Deus! Como ele gosta!”. É isso muito mais do que qualquer detalhe, é isso mesmo. Porque eu já estive com gente que eu notava que tava meio assim. E isso é horrível! Não quero nunca mais na minha vida! (Karina)

Talvez, por isso o sexo casual, sem conhecer com mais profundidade a pessoa com quem o está praticando, não seja uma experiência positiva para Karina.

Ah! Eu já me arrependi de ter ido pra cama com gente que não valia a pena, coisa de um dia só, sabe? Já me arrependi de um dia que eu tomei uma cana que eu dei pro cara e não me lembro, coisas genéricas assim, mas não de alguma coisa que eu tenha feito. (Karina)

Célia se ressentida de ter feito sexo com uma pessoa por quem não tinha nenhum tipo de afeto ou que conheceu somente para esse fim: “foi horrível! Não recomendo pra ninguém! Pra ninguém mesmo, nem pra mulheres, nem pra homens!”(sic). Aliado a isso Núbia refere-se, com parcimônia, o que denomina por “amor bandido”:

Porque uma coisa é atração sexual, que você tem uma pessoa, mas não dá para se relacionar com ela, porque vocês são diferentes, porque ele é muito mal educado, porque ele é bruto, mas você tem aquela química sexual, digamos assim, nunca aconteceu comigo só isso. Mas, sei lá, eu acho que existe isso, sei lá, o amor bandido, aquele que é só na hora do sexo. (Núbia)

O “amor bandido” revela o que seria para a interlocutora somente sexo, mas ironicamente, ainda inclui o “amor” num tipo de sexo que, muitas vezes, é só de um dia, uma noite, umas horas... É claro que na categoria está embutida toda a moral sexual que se espera das mulheres. A partir dos relatos das mulheres escutados, me permiti construir dois tipos ideais (WEBER, 1994) de parcerias sexuais:

Sexo bandido: com ou sem *cheklist*, onde há química, mas o parceiro é desconhecido;

Bom sexo: com *checlist* mais ou menos completo, onde há química e o parceiro, dito como namorado, não só é conhecido, mas, é aquele onde se desenvolvem afetos que vão além da sexualidade propriamente dita.

2.2 - (In) fidelidade

A questão é que as mulheres, não querem ou não se sentem autorizadas, como Alfie, a viverem o amor bandido; prática vivenciada sem problemas, conforme dizem, pelos homens de maneira geral. Por outro lado, o bom sexo está constantemente ameaçado. Para sua realização a parceria fixa é condição fundamental, e vai, para elas, implicar, fidelidade de ambas as partes. A questão é que, a compulsão ao amor romântico, descrita por Kreps (1992) vem constantemente fazendo seus “príncipes caírem do cavalo”.

Sete das nove entrevistadas declararam terem sido traídas; somente uma relatou também tê-lo feito e todas têm medo de o serem – novamente, ou pela primeira vez. Muitas delas se culpabilizavam, buscando respostas individuais para o fato cometido por seus ex-namorados. E, também, evidenciavam o transtorno emocional decorrente de tal ato: “é o fim”(sic), “fico achando que ele vai me trair também [comparando o ex com o atual namorado]”(sic). Mas, o que pretendo aqui é mostrar como elas significam traição e sexualidade.

Ele tava desinteressado, se desinteressando de mim cada vez mais, talvez, ele tivesse com outras histórias e eu não soubesse, talvez ele tivesse de saco cheio já, não sei. E esse cara olhar pra mim de outra forma me fez sentir o que eu queria estar sentindo, me sentir como eu queria que ele me sentisse. Inclusive eu botei uma gaia nele (longa pausa). Foi a primeira gaia que eu botei na minha vida! Eu nunca botei gaia! eu acho o fim, só que eu tava pisando num terreno inseguro, entendeu? Eu acredito que tenha sido por causa disso, porque se fosse uma cara que não saísse tanto, que não bebesse tanto, não fosse tanto pra farrá. (Karina)

Anteriormente a essa história que marcou o final de sua relação com esse rapaz, Karina, mesmo deslocando os sentidos do princípio da fidelidade, tinha feito um acordo com ele: “Eu não pedia fidelidade, só pedi pra que se ele me traísse, me avisasse porque eu já tava e estou muito desconfiada, descrente”(sic). Esse pacto trazia um benefício um tanto quanto perverso pra ela, parecia mais a “última esperança” em poder confiar em alguém. Mesmo assim foi quebrado.

Karina foi avisada por um outro ex-namorado sobre a traição. Evento que ela relata como arrasador, pois o “ex também tinha sido sacana” com ela. O namorado, a quem Karina direcionou o pedido de lealdade que, segundo Anderson da Silva¹⁷ (2008) é o que tem possibilitado a construção de novas interações sociais, ficou, depois de terminada a relação, com a própria irmã de Karina. Mas, Karina não se sentiu a vontade pra mostrar sua indignação e escondeu seus sentimentos, mesmo tendo a oportunidade de falar. Diz que queria que parecesse tudo normal – afinal, ela é uma mulher moderna, bem resolvida com questões sentimentais. Por tudo isso, Karina diz ter desistido de namorar.

Há sempre um Alfie de plantão. E por mais que elas se apresentem, como no caso de Karina em relação a sua irmã, como mulheres que facilmente superam a passagem deles em suas vidas, como aquelas da última gravação do filme; internamente continuam a sofrer como as mulheres da década de 1960, de *Como conquistar as mulheres*.

Alfie e o ex parceiro de Karina, nossos homens do momento, não tinham o menor remorso, aliás pareciam não conhecer esse sentimento, de estarem traindo mulheres com quem tinham firmado alguns compromissos. Ao que parece, o adágio

¹⁷ Faz oposição entre a ideia de fidelidade e de lealdade. Para seus entrevistados, um casal de homossexuais, seria impossível ser fiel, pois, segundo eles, a fidelidade é circunstancial e o mundo tem imposto vários estímulos visuais. Portanto, a lealdade possibilita a negociação dos arranjos conjugais.

“mulheres fazem amor e homens fazem sexo”, como profecia a ser cumprida, ganhou força no imaginário social. Ela diz e reforça a “dupla moral sexual” – fidelidade para as mulheres e infidelidade para os homens.

Eduarda apresenta mais alguns exemplos. Na ocasião da entrevista eu não tinha mencionado nada a respeito de infidelidade e Eduarda foi logo dizendo:

[...] em matéria de traição não sei dizer até hoje assim...eu acho que fui traída em algumas situações, mas eu nunca tive certeza. Uma delas, inclusive, eu acho que eu pretendo um dia descobrir...eu acho que eu magoei o rapaz... porque de repente acabou o namoro e foi uma coisa assim esquisitíssima porque a gente tava namorando há 1 mês. E aí num dia a gente teve relação, no outro dia ele me pediu um tempo e em uma semana depois ele disse que me amava, mas que não tinha certeza e aí muito tempo depois que eu vinha assim juntar algumas coisas que você não consegue reparar no momento. (Eduarda)

É com muita rapidez que acontece o “amor” e o “desamor” e o nível de incertezas com que se configuram algumas relações. A expressão da famosa frase “eu te amo” parece advir de um impulso para “marcar território” e para deixar o outro confuso, pois se pode pensar “mesmo sendo esquisito, ele me ama”. Se, no caso acima, a dúvida sobre uma possível traição paira no ar. Eduarda apresenta mais uma relação, onde a infidelidade aconteceu sem deixar dúvidas:

Numa prévia de carnaval, era um domingo, ele tinha ido e eu fiquei com meu irmão e minha cunhada e por uma questão de horário a gente se perdeu, ele tava sem telefone, não nos encontramos. Quando a gente foi se encontrar em Olinda, já na descida, ele num estado de embriaguez alto e aí eu fui lá falei com ele e aí enquanto ele tava no grupo que eu tava atrás de mim tinha umas moças paradas e ele tava fazendo sinal para as meninas e as meninas trocando sinal com ele. Aí eu digo: “não, aí já é o cumulo!” Porque uma coisa é você ser traído e você não ter a mínima noção porque você tá sendo traído e outra coisa é você ser traído e você ter a noção de que está sendo traído, a pessoa estar na sua cara e se insinuando para outra, aí sinto muito porque não dá. Então assim essas coisas marcam de alguma forma, mas eu acho que de trauma eu não lembro ter nenhum não. (Eduarda)

Os exemplos de namorados que se envolvem com outras pessoas vai se multiplicando até quase o infinito...

Eu sou uma pessoa que eu gosto de verdade. Eu me apaixono muito, tanto é que eu não gosto de ficar. Eu me apaixono muito rápido por uma pessoa. **Tanto é que meu relacionamento acabou não foi porque eu quis**, foi porque de repente ele se envolveu com outra pessoa e achou melhor terminar. (Denise)[grifos meus].

2.3 - Na encruzilhada do amor bandido

Como já apontei, o exercício da sexualidade das mulheres vem ao longo da história do ocidente relacionado ao casamento; o ideal é que as “mulheres de família” tenham relações sexuais com seus maridos. Os tempos passaram, mas a infidelidade masculina continua tendo certa licença moral – isso, inclusive se revela, de certa forma, e com muito incomodo, nas falas de muitas das minhas entrevistadas. Muitas vezes, elas acabam criando modos de perdoar, invisibilizando ou antecipando e ressignificando no contrato de namoro, questões de infidelidade que um dia há de vir.

Ainda assim, tendemos a concordar com Goldenberg (2006) que, em sua recente pesquisa sobre infidelidade entre homens e mulheres, constata que as mulheres não estão mais admitindo esse tipo de comportamento como o era de costume. Ela atribui isso a uma maior autonomia/entrada da mulher no mercado de trabalho, bem como um maior reconhecimento de si próprias, de suas conquistas.

Talvez fosse de se supor que, frente a tantas traições e recusa pelo amor bandido, as minhas entrevistadas optassem, precocemente, pelo celibato da curva da solidão a qual alude Berquó (1984). Mas o fato é que elas conseguem obter a satisfação sexual mais ou menos conservando a exigência do conhecimento do parceiro e certa

afetividade, ainda que fora daquilo que caracterizei como “amor bom” – a ser vivenciado com um namorado.

Vejamos, para aprofundar a trama dos amores e satisfações sexuais, a trajetória de Rafaela. No caso dela, fica clara uma gradação nos modos de relacionar. Rafaela faz menção a três relacionamentos, os quais considera como os mais importantes em sua carreira afetiva. Namorou/noivou por sete anos com um rapaz que terminou porque ele “[...] já estava namorando outra pessoa”. No momento está namorando com um rapaz. Diz: “eu to com medo que aconteça de novo!”; “eu fico perguntando pra ele se ele me traiu [...] não consigo mais confiar em ninguém depois daquela experiência”.

Os dois relacionamentos não destoam em nada do que vem sendo descrito até aqui como o que marca a trajetória das mulheres donas de seu nariz. Mas eis que surge a novidade: o segundo relacionamento aludido por Rafaela.

Ela, de início refere-se ao rapaz como namorado, mas, logo em seguida, após eu também me referir a ele como namorado, ela me corrige: “não é namorado, é um amigo, uma amizade em que a gente não tem compromisso”, “mas, quando ele ou eu ficávamos com outras pessoas, nós também parávamos de ficar juntos, e aí depois a gente começava novamente”.

Com o “amigo” Rafaela deixou de se relacionar como noiva/namorada para estabelecer uma relação em que o compromisso é exclusivamente direcionado ao prazer de estar junto, não há acordos com os afazeres cotidianos. O que também podemos entender como uma atitude em que visa proteger a si mesma dos “Alfies”, que podem vir a enganá-la. No interstício entre relacionamentos com homens que mereceram o título de namorados, ela encontrou uma solução temporária para seus relacionamentos: “foi muito bom ter me relacionado dessa forma, principalmente depois do que eu passei”.

Agora se encontra namorando outra pessoa, que pretende casar, já tem alguns dos recursos importantes para isso, mas “quero ser chamada para o concurso que passei”. Observo que há um adiamento para a conjugalidade que em parte está relacionado à autonomia financeira e em parte a questão da fidelidade, pois ela ainda menciona “fico perguntando pra ele se ele vai me trair”.

Vejamos como a amizade aparece entre as outras entrevistadas como alternativa para o insucesso do/no namoro.

2.4 - Colorindo

A poesia em epígrafe deste capítulo foi mencionada por Núbia para fazer referência a seu estado emocional frente as recordações sobre o modo como se desenrolaram suas relações afetivas/sexuais mais marcantes. Núbia mostrou de forma mais visível o que também as outras mulheres vivenciavam. Ela, fazendo referência a poesia, me falou: “Então eu acho que eu vivo o inesperado, eu espero o inesperado. Sabe? Eu acho que você tem que estar aberta mesmo e, vai viver!”. Já Karina afirma ter medo “de dedicar tempo, atenção, de acreditar que vai ser uma coisa melhor do que realmente, acaba sendo. Muito medo disso ultimamente! As últimas histórias foram todas assim e aí to meio receosa”.

Nenhuma das duas estava, na ocasião de nossas conversas, se relacionando fixamente com um parceiro. Núbia “a procura” e Karina “recusando”. E, entre viver o inesperado e não ter medo, encontraram algo que trouxesse equilíbrio. É o que chama de *amizade colorida*.

Por diversos tipos de decepções nas suas relações de namoro, entre elas, o excesso de cobranças, a submissão, e, em especial, pela não aceitação de traição, a solução, ao menos parcial - na medida que estão a espera (o “se calhar”, do capítulo

anterior) de um bom relacionamento - foi a de estarem numa relação em que tais incômodos, como num passe de mágica (mas com pouco encantamento!) deixam de existir.

Observamos que, apesar dos relatos de Karina estarem focados nas relações de namoro e, principalmente, na dinâmica com seu ex-namorado mais recente, ela mostra ter vivido diversos relacionamentos como o descrito por Rafaela como amizade:

Pra falar a verdade muitos deles [amigos com quem costumava ter práticas sexuais] se tornaram namorados. E, outras pessoas amigos da minha irmã que eu conhecia e acabei namorando. Então muitas vezes eram namorados, então agora eu terminei um namoro e eu tenho um amigo que era bem próximo, a gente toca no mesmo grupo, e eu não quero namorar de novo e ele é meu amigo e eu vivo encontrando com ele. Sempre, assim...só não é namorado porque a gente não ta somente um com o outro e a gente se liga todo dia pra saber como está e isso não costumava acontecer, porque antes era só amigo. (Karina)

A amizade, segundo o Aurélio (1975), é um “sentimento fiel de afeição, simpatia, estima ou ternura entre pessoas que geralmente não são ligadas por laços de família ou **por atração sexual**”. Prossegue o dicionário, de “estima, simpatia ou camaradagem entre grupos ou entidades”. Talvez o Aurélio precise vir ao Recife, conversar com as mulheres com quem conversei, e, pelo menos incluir uma flexão da amizade, a colorida, onde, ao lado de todos os qualificativos apontados, se incluía a atração sexual e sua realização.

Vale apontar que a definição de amizade não é universal, Rezende (2002) aponta como entre ingleses de classe média, com a idade de 25 a 30 anos e que moram na capital britânica, o sentido da amizade toma outros rumos. “a amizade salientava uma série de aspectos do relacionamento entre amigos – gostos e senso de humor em comum, espontaneidade, revelações pessoais, confiança, apoio mútuo –, mas trazia poucas referências a sentimentos como afeição, carinho e estima.”

A autora mostra que a partir da categoria amizade podemos constatar “certas noções de pessoa e realçando o caráter situacional – em termos de gênero, classe social e fase da vida – dos indivíduos em jogo” (GOLDENBERG, 2002, p. 4). As mulheres entrevistadas por mim mencionavam um modo de vivenciar a amizade que inclui a possibilidade de também haver, nessa mesma relação, práticas sexuais.

Essa é uma grande diferença. Porque sempre tem aquela pessoa que a gente não chegaria porque alguma coisa não bate. A gente olha e pensa: “esse aí não combina”. (Karina)

E eu não quero namorar de novo; ele é meu amigo e eu vivo encontrando com ele. Sempre, assim. Só não é namorado porque a gente não tá somente um com o outro e a gente se liga todo dia pra saber como está e isso não costumava acontecer, porque antes era só amigo. (Karina).

Então essa forma de amizade pode ser vista como uma estratégia dentro dos modos de relação entre mulheres e homens, ou como mais um modo de se relacionar, como o é o namoro. Anteriormente a formação de um namoro ou até mesmo, e ao que parece ser bem provável, de se encerrar “somente” numa amizade que possuiu ingredientes como beijos, carícias e sexo. E, talvez como um complemento do significado do dicionário, segundo a escritora belga, Marguerite Yourcenar: “A amizade é, acima de tudo, certeza – é isso que a distingue do amor.”

Essa forma de relação tem sido mencionada pelas entrevistadas como uma prática comum a algumas delas e, nesse sentido, ela foi expressa como estando entre um encontro e um desencontro, como possibilidade e impossibilidade, nela não se sabe se haverá um próximo encontro, o que dentro de uma “amizade” não se faz tão incomodo como poderia ser em um namoro. O que parece ter maior importância são as diversas formas de prazer obtidas; tanto o prazer sexual como também o prazer de não ter

responsabilidade, nem preocupação alguma com a relação, ou melhor, talvez, com essa forma de vivência.

Sintetizando, Posso idealmente apresentar a “amizade colorida” como uma relação afetivo-sexual onde o *checklist* nem sempre se completa na química capaz de configurar entre a pessoa e o parceiro o encantamento que dá sentido à paixão. Não obstante, o parceiro é conhecido e confiável o que possibilita trocas afetivas, além dos prazeres sexuais. Não há compromissos de trocas para além do momento do encontro. Não há exigência de fidelidade, apenas de lealdade de amigo.

2.5 - O enigma da amizade

Para iluminar a construção desta categoria êmica, amizade colorida, encontrei em Foucault (2006), um importante dialogante. Considerando a dificuldade que a cultura ocidental possui em apreender institucionalmente (parentesco/família) a experiência homossexual, o autor irá propor que essa acaba por criar um espaço vago para criação:

A homossexualidade é uma ocasião histórica de reabrir virtualidades relacionais e afetivas, não tanto pelas qualidades intrínsecas do homossexual, mas pela posição de "enviesado", em qualquer forma, as linhas diagonais que se podem traçar no tecido social, as quais permitem fazer aparecer essas virtualidades. (Foucault, 2006, p. 71)

Em seus estudos sobre os discursos médicos alçados na segunda metade do século XIX, mostra que a homossexualidade não pode ser definida e delimitada por suas práticas, como propunham as análises clínicas, mas sim, através de uma forma de construção de estilos de vida específicos.

Outra coisa da qual é preciso desconfiar é a tendência de levar a questão da homossexualidade para o problema "Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?" Quem sabe, seria melhor

perguntar: "Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?" O problema não é descobrir em si a verdade sobre seu sexo, mas, para além disso, usar de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações. E isso, sem dúvida é a razão pela qual a homossexualidade não é uma forma de desejo, mas algo de desejável. Temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos. Isso para onde caminha os desenvolvimentos do problema da homossexualidade é o problema da amizade. (FOUCAULT, 1981, p. 1)

Nesse sentido, a questão não é a de buscar uma identidade homossexual tão pouco a normatividade proposta pela medicina e pelas leis, mas de compreender as formas de vida alternativas não respaldadas nas imposições sociais. Foucault (1981) sugere que a amizade poderia ser uma dessas opções baseando-se neste "modo de vida homossexual". Visto que, se afastam do instituído, como o são os modelos fálicos de sexualidade, e dão maior significado e importância aos cuidados do sujeito consigo mesmo e com os outros, fora dessas amarras.

Não forçosamente sob a forma do casal, mas como uma questão de existência: Como é possível para homens estarem juntos? Viver juntos, compartilhar seus tempos, suas refeições, seus quartos, seus lazes, suas aflições, seu saber, suas confidências? O que é isso de estar entre homens "nus", fora das relações institucionais, de família, de profissão, de companheirismo obrigatório? É um desejo, uma inquietação, um desejo-inquietação que existe em muitas pessoas. (FOUCAULT, 1981, p. 2)

Ortega (1999) fazendo uma análise sobre a concepção de amizade dada por Foucault (1981) entende que, este "modo de vida homossexual" corrobora a olharmos de outra maneira para características institucionalizadoras e reguladoras da vida social como classe social, família, casamento, sexualidade, entre outros.

A amizade supera a tensão existente entre o indivíduo e a sociedade mediante a criação de um espaço intersticial (uma subjetivação coletiva) suscetível de considerar tanto as necessidades individuais quanto objetivos coletivos e de sublinhar

sua interação. (...) A amizade supera, para Foucault, a dicotomia tradicional eros/philia e traz consigo a possibilidade de construir uma forma de vida, a partir de uma escolha sexual. (...) Estes novos tipos de relacionamento e de sociedades multiformes e compreendidos sob a noção de amizade se opõem às formas de relação prescritas e normalizadas (ORTEGA, 1999, p.12).

Com a amizade colocada sobre a forma de uma estética da existência teríamos outras possibilidades de dinâmicas e organizações sociais, dando alcance a novas formas de vivenciar a sociabilidade e a subjetividade. Há, portanto, uma maior flexibilização de modelos para além dos arranjos propostos pelos modelos heteronormativos.

Seguindo com Foucault (2006), para que o sujeito tenha a chance de reinventar a norma ele precisa passar de assujeitado às práticas de liberação, rumo a autonomia:

Em primeiro lugar, creio, efetivamente, que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que se encontrar em qualquer lugar. Eu sou muito cético e muito hostil para com esta concepção de sujeito. Penso, ao contrário, que o sujeito se constitui por meio das práticas de assujeitamento, ou de uma maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antigüidade, desde (bem entendido!) de um certo número de regras, estilos, convenções que se encontra no meio cultural.(FOUCAULT, 2006, p. 75)

Identifiquei, então, as mulheres que entrevistei, ainda que padeçam da ansiedade de Alfie, representação do sistema de sexo-gênero que as oprime, desde lá, da sexualidade-afetividade, conseguem realizar certo deslocamento, do assujeitamento à autonomia, a partir da prática libertária da amizade colorida.

Elas permanecem heterossexuais, mas trazem daquilo que talvez a homossexualidade tenha trazido para a comunidade humana mais ampla ocidental: o questionamento do modelo conjugal assimétrico:

As mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina [caracterizada pelo duplo padrão sexual – fidelidade para as mulheres, infidelidade para os homens], e ambos os sexos devem lidar com as implicações desse fenômeno. A vida social tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades (GIDDENS, 1993, p. 18, intercalação minha)

A proporção de mulheres casadas há mais de cinco anos que têm encontros sexuais extraconjugais é, hoje em dia, virtualmente a mesma que aquela dos homens. O padrão duplo ainda existe, mas as mulheres não são mais tolerantes diante da perspectiva de que – enquanto os homens necessitam de variedade e pode-se esperar que se envolvam em aventuras extraconjugais – elas não se comportem do mesmo modo (GIDDENS, 1993, p. 22)

Temos na amizade colorida das mulheres que escutei, “uma certa liberdade, de uma certa forma de escolha, que lhes permitia também viver relações afetivas muito intensas” (FOUCAULT, 1981, p. 5). A não existência de um sistema relacional formalizado possibilita a abertura para diversas possibilidades relacionais.

Foucault mostra a possibilidade de se criar, a partir da amizade, uma ética dos prazeres, uma forma de se relacionar que não tenha interferências da lei ou de qualquer outra forma de instituição: “Inventar de A a Z uma relação ainda sem forma que é a amizade: isto é, a soma de todas as coisas por meio das quais um e outro podem se dar prazer” (FOUCAULT, 1981, p. 6).

Ah! Recentemente tem um amigo meu, que a gente tem uma amizade assim bem colorida e que eu me sinto assim bem a vontade com ele em relação a sexo, amante profissional como brinco com ele, de vez em quando a gente se fala, a gente se liga e...mas, não tô namorando com ele. (Amanda)

Na amizade, Amanda relata se sentir “bem à vontade” denotando liberdade e confiança sexual em seu relacionamento com um amigo. Isso pode ser ilustrado quando ela própria faz comparação da prática de sexo anal com seu colega e com seus outros parceiros que geralmente foram namorados:

É porque, realmente eu não sei não, a gente fica preocupada com alguns grilos e acho que os homens não têm noção disso. Mas, aí nesse caso [com o amigo] eu não descartei totalmente a ideia só que na hora eu não tava afim... (Amanda)

Amizade permite sentir uma segurança de que se é querido, atravessada por outra certeza, a da impossibilidade de ser traído e os vários sentimentos que decorrem disso. Então, outro ponto que quero ressaltar é a possibilidade da mulher ter maior autonomia nesse tipo de relação. A amizade colorida parece se configurar como uma tática em que a mulher se permite trocar de parceiros com mais frequência e, conseqüentemente ter um papel mais ativo e menos oprimido no modo de vivenciar a sua sexualidade.

Sempre! Sempre! Eu tenho que puxar da memória o amigo de honra, aquele que não aconteceu nada. Tu vai mostrar a entrevista assim mesmo? (Karina)

Mas, ainda observamos o constrangimento diante do outro social, após relatar investidas sexuais com amigos: “tu vai mostrar a entrevista assim mesmo?”. Esse tipo de relação, provavelmente, vem a se equiparar para essas mulheres com o de alguns homens, quando esses traem suas parceiras. Talvez, essa também seja uma forma em que se possibilite um maior controle sobre o outro, um controle às avessas.

Nesse sentido, ao que pode parecer contraditório, uma das funções da “amizade colorida” seria a de manter as posições neutras, e amenizar intempéries que podem ocorrer em relações como as de namoro e de casamento. Então, se caso esse amigo viesse a se relacionar com outra pessoa ao mesmo tempo ou em momentos distintos, essa mulher não seria a “traída”, o que garante uma possibilidade, uma certeza e menos temor na relação. Rafaela demonstra como foi estar numa relação desse tipo: “O bom é

que eu não me preocupava se tava tudo bem ou não, se ele ia me trair, me telefonar. A gente se divertia.”

O descompromisso é uma das certezas dentro das incertezas dessa forma de se relacionar. Mas podemos também avaliar essas incertezas como já firmadas dentro da posição de amigos, o que não a deixa tão incerta assim; amigos não precisam ou não têm vontade ou o compromisso de telefonarem ou de desejarem.

Características como diversão, prazer, descompromisso, despreocupação e “cuidado de si” configuram o “estilo de vida” da amizade colorida, que tem como base o consentimento mútuo. Para Núbia a amizade colorida parece como a saída: “inclusive, seria melhor que certas pessoas nunca se casassem ou pensassem em assumir qualquer compromisso”.

A questão que me faço, na conclusão deste capítulo é qual o entendimento dos “Alfies” sobre a amizade colorida, que, como vimos, dar maior liberdade sexual-afetiva (e, não devemos esquecer, na divisão do trabalho/cuidado entre homens e mulheres nas parcerias afetivas). Temos em Karina, Núbia e Rafaela mulheres que asseveram e lutam pela igualdade (sexual), afirmam o direito à satisfação de seus desejos, ao invés de se colocarem a “mercê do desejo do macho”.

Ao que parece, o prazer de *Alfie* e de alguns homens está associado, justamente, a tratar essas mulheres como objetos. *Alfie* descobriu uma maneira de ter controle sobre o outro, pois o mistério de seu “estilo de vida” incitava nas suas parceiras o desejo de desvendá-lo. Parece-me que aquelas que são “donas de seu nariz” começam a devorar a esfinge.

Considerações Finais – a agência das mulheres: penetrando

Início essas Considerações Finais ciente de que este trabalho ainda faz parte de um processo declaradamente não encerrado. Ele não chega a uma conclusão, mas indica aspectos recorrentes alçados num campo que teve por objeto a vida afetivo-sexual de mulheres de camadas médias em idade reprodutiva. Mulheres integrantes de uma sociedade complexa, sujeitas a muitos pertencimentos culturais. Tentei agrupá-las pelos seus pertencimentos de profissão-renda (autonomia financeira) e pelo fato de não estarem em situação de conjugalidade.

Tenho a consciência de que embora o recorte metodológico que precisei empreender tenha sido necessário e me permitiu ver algumas recorrências que tais pertencimentos possibilitam à vida sexual e afetiva das entrevistas; um conjunto de outras inserções sócio-culturais – as quais muitas vezes, por não ter podido levar a análise mais adiante, atribui às singularidades individuais – podem estar relacionadas a outros pertencimentos ou marcas de grupos e categorias sociais às quais não pude aprofundar neste trabalho. De todo modo, espero que muitas das discussões aqui apenas esboçadas “abram espaço” para outras possibilidades em pesquisas mais específicas.

Para finalizar o trabalho dissertativo retomarei alguns pontos principais do percurso, trilhando um caminho de diálogo e de possibilidades no saber fazer de uma investigação científica.

A princípio gostaria de destacar a dificuldade de se pesquisar sexualidade a partir da velocidade com que as questões sobre esse tema vão se desenvolvendo e são desenvolvidas pela cultura. Ademais, de acordo com Gagnon (2006) investigar a sexualidade tem uma implicação profunda para o pesquisador e para a sociedade como

um todo, porque as influências de suas ideias vão além da esfera acadêmica e cruzam o dia a dia das pessoas de forma direta e/ou indireta.

É impressionante como integrantes de um tempo presente tornam-se alheios ao seu passado pessoal; das condições que foram criadas para estarem situados culturalmente onde estão. Gagnon (2006) mostra que essa “alienação” da cultura sexual no estudo da sexualidade humana parece ocorrer por sermos “produtos individuais das mudanças culturais” e também por ser difícil impor nossos planos sobre as ações sociais e os múltiplos significados que a circundam.

Mas, algumas pessoas ainda têm dificuldade de aceitar facilmente essas mudanças, ou melhor, de deixar passá-las despercebidas em suas vidas. E, acredito que, procuram compreendê-las para se sentirem mais honestos consigo mesmos e com a história de que fazem parte. Tal fato foi o grande motivador dessa pesquisa.

Também percebi que, muitas das interlocutoras traziam, em oposição a ideia de um alheamento, reflexões a respeito do modo como têm se relacionado sexual e afetivamente e vi que essa condição se dava em decorrência de suas desventuras pessoais; já outras aceitavam livremente as novas condições que vêm surgindo, sem indagar-se a respeito ou se satisfazerem com o modo como a sexualidade tem sido construída em nossa sociedade.

Mas, talvez, a criação de estratégias para experimentar o prazer sexual com os parceiros afetivos também seja e se mostre uma forma de se pensar nas relações que essas mulheres vêm vivendo e/ou presenciando. Como, por exemplo, e mostrando o encadeamento desta pesquisa, temos a narrativa de Núbia: “a gente faz essa coisa de *checklist*, mas não é a minha essência de verdade. Eu acho que é um meio de proteção” (a respeito do significado que atribui ao *checklist*). É recorrente nas narrativas, mesmo que implicitamente, de se estar entre dois pontos extremos: proteção X insegurança. Há

dificuldade de fazer uma “conciliação” entre os sentimentos advindos desses dois aspectos e como esses são solicitados separadamente, como por exemplo, quando se pretende ter uma relação como casamento é comum preponderar a busca por uma segurança do “felizes para sempre”. Mas, não parece ser essa proteção que se tem, sabe-se que o risco de alguns homens serem infiéis, “infidelidade masculina” se sobressai e é permanente.

Nesse contexto, o *checklist* e a amizade colorida vêm representar uma “zona mínima” de segurança. O *checklist* serve como um instrumento de poder para as mulheres, pois seu uso se inscreve na ação de partir de atributos indesejáveis dos homens e “dispensá-los” (sic) para uma relação a dois.

Vi se configurar três tipos ideais de parcerias sexuais: o amor bandido, o bom sexo e a amizade colorida, os três se organizaram tendo como referência as emoções implícitas ao amor romântico. O amor romântico pede pela emoção do encantamento, e para as mulheres o real encantamento só aconteceria no bom sexo, aquele onde prazer sexual e afetivo caminham juntos. O bom sexo estaria então circunscrito à esfera do namoro e/ou casamento – mas é nesses que moram o perigo da infidelidade.

Seguindo com as ideias de Kreps (1992), os efeitos colaterais do ideário romântico, são especialmente danosos para as mulheres. Quando se sai da ordem à efervescência e se volta para a vida ordinária (Alberoni, 1988), a afeição e a atração “esfriam”, a propensão para alguns homens seria a de buscar um outro romance apaixonado. Nesse sentido, sugere Kreps o homem busca um outro romance e não uma mulher – o objeto é menos importante do que a emoção. As mulheres, objetificadas, são “adoradas” e/ou feitas para se “devorar”, são muito temporariamente postas num pedestal (afastadas da sua realidade), seriam como mulheres “disponíveis” e/ou princesas entorpecidas. Mas, quando acordam...

Me pareceu que quando acordam, tentam reinventar o jogo do prazer através da amizade colorida. Essa surge como forma de amenizar os malefícios do envolvimento do amor romântico, que, por sua vez, se estabelece sobre um modelo assimétrico de constituir relações entre homens e mulheres; que teria na conjugalidade sua maior expressão, e na cena sexual sua dramaticidade. Findo o apaixonamento, as mulheres devem continuar a cuidar (quase que como mães) dos parceiros e devem se manter castas; os homens podem buscar por outros objetos sexuais.

O amor paixão romântico se contrapõe ao amor construção mencionado por Barros (2009) em pesquisa com sete jovens adultas das quais seis eram divorciadas. Essas mulheres relatam que seus relacionamentos anteriores foram construídos com a expectativa do amor romântico, mas que atualmente, preconizam um projeto de amor-construção, no qual é responsabilidade do casal construir constantemente a relação a dois. Segundo a autora, esse tipo de relação marca uma dissociação entre sexualidade e casamento e garante maior autonomia para cada sujeito, onde o “um” (o indivíduo) parece preponderar sobre o “nós” (o casal). Para tanto, há uma clara autonomização da sexualidade com relação a reprodução, e o prazer se torna o objetivo principal da relação sexual. A título de sugestão, nos move a refletir a respeito da “inclusão”, do diálogo com o prazer dentro do conceito de direitos sexuais.

A autora também mostra que as grandes mudanças na vida dessas mulheres se dão após a separação conjugal, em que vão repensar numa série de posicionamentos seus e de seus parceiros. Por esse caminho, quanto mais “desencontros” e, as traições conjugais, mostradas nesse trabalho, representam um deles, mais as pessoas vão se individualizando. Karina reflete essa condição, pois já se “separou” várias vezes, ela não se enxerga mais se envolvendo emocionalmente e afetivamente com ninguém, ideia que também traz sofrimento para ela: “Se eu tivesse em condições de me doar mais, eu

gostaria sim! De tolerar as pequenas coisas...”. Então, o “sentimento” que, a princípio, parece garantir o sucesso das uniões está fadado ao fracasso, pois, às vezes até com sentimento, as parcerias terminam.

Apesar de existir uma forte e, muitas vezes, constante busca e preocupação com romances, emoções, flerte, sexo, fantasias, ao mesmo tempo, elas vêm tentando se desprender do ideário de que “é impossível ser feliz sozinho”. A frase “solteira sim, sozinha jamais”, dita por Amanda, traduz um pouco este estar entre uma necessidade e o bem-estar de estar com alguém. É nesse contexto que surge a amizade colorida, talvez um modo de operar, ou alternativa ao amor-construção de Barros (2009)¹⁸.

A amizade, nesse sentido, viria a se configurar como uma espécie de dispositivo renovador das subjetividades, suplantando as normas impostas pela sociedade, conforme os princípios de liberdade idealizados por Foucault (2006).

Nesse ínterim, e à luz das análises aqui apresentada posso dizer que algo do sistema de sexo-gênero parece estar em transformação: o modelo fálico que diz que quem tem o pênis é quem é o autêntico e natural portador do desejo sexual, é, ainda seguindo com a metáfora, é quem domina porque é quem penetra durante o “papai-mamãe” – e, como se diz no adágio: “e segure suas cabritinhas, que meu bode está solto!” – não está assim com tanto vigor. As mulheres que escutei, também afirmam possuir e realizar os seus desejos sexuais; elas só não querem mais precisar manter-se fiéis, enquanto seus parceiros correm pasto a fora, penetrando. Criam, então a amizade colorida: a possibilidade de experienciar “penetrações” prazerosas porque carregadas de afeto de um amigo, mas sem fantasmas de infidelidade (masculina).

Continuando na metáfora do penetrar/dominar (e seus derivativos, comer, foder, meter), tão cara para a imagética que sustenta as hierarquias de gênero na cama e fora

¹⁸ Aqui, talvez, a diferença em relação aos achados de Barros (2009) e meu próprio esteja muito mais no modo como as entrevistadas foram interpeladas. As de Barros viam a conjugalidade e as minhas falavam do prazer sexual.

dela, convém lembrar que na língua portuguesa *penetrar* e *ser penetrado* reafirmam uma duplicidade de gêneros, minimamente indigna. Diferentemente, no inglês, o particípio do passado, “*being penetrated*”, não alude há um ponto de partida necessário (entre os sexos) para as ações de penetrar/penetrado, estando o sentido dado pelo contexto de interações, não aludindo a hierarquias já pressupostas.

Afinal de contas, algumas mulheres, através da condição de classe e da inserção em postos de trabalho, que lhes permitem renda suficiente para se manterem, têm adquirido autonomia tanto na vida pública, mas também, e de modo diferenciado, agência sexual na vida privada. São essas mulheres que começam a, mais fortemente, reconhecer que também podem *penetrar*.

REFERÊNCIAS

ALBERONI, Francesco. *Enamoramento e Amor*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

AUGÉ, Marc. O outro próximo. In: _____. *O Sentido dos outros: atualidade da antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BARROS, Myriam Moraes Lins de Barros. “Três gerações femininas em famílias de camadas médias”. In: VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias Duarte (Orgs.). *Gerações, Família, sexualidade*. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERQUÓ, Elza. *Pirâmide da solidão? Notas muito preliminares*. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6, 1984, Águas de São Pedro - SP. Anais ... São Paulo: ABEP, 1984.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRUNER, Jerome. *Actos de significado: para uma psicologia cultural*. Lisboa: edições 70, 2002.

CASTRO, Eduardo Viveiros de; ARAUJO, Ricardo Benzaquem de. “Romeu e Julieta e a origem do Estado”. In: VELHO, Gilberto (org.). *Arte e sociedade: ensaios da sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. “Parentesco e outras coisas, substanciais e afins”. In: CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

CORREA, Sonia. Cruzando a linha vermelha: questões não resolvidas no debate sobre direitos sexuais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832006000200005&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Apr. 2010. doi: 10.1590/S0104-71832006000200005.

CORSARO, W. A. *Entrada no Campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas*. *Educ. Soc.*, maio/ago. 2005, vol.26, no.91, p.443-464.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude, nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DAUSTER, Tânia. 1986. "A Invenção do Amor: Amor, Sexo e Família em Camadas Médias Urbanas". In: S. Figueira (org.), *Uma Nova Família? O Moderno e o Arcaico na Família de Classe Média Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

DURHAM, Eunice. "Família e reprodução humana". In: *Perspectivas antropológicas da mulher (3)*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1ª Edição/15ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A, 1975.

FIGUEIRA, Sérvulo (1985). *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. De L`amitié comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. Le Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1981, PP. 38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: [HTTP://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html](http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html), acesso em: 28 fev. 2010.

_____. *Ética, sexualidade e política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, 1977.

GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

_____. *Mundo em Descontrole – o que a globalização está fazendo de nós*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. *Infiel: notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *A Outra: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado*. Rio de Janeiro: Revan, 1990.

_____. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HARAWAY, Donna. SABERES LOCALIZADOS: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, PP. 07-41, 1995. Disponível em: www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad05/pagu05.02.pdf. Acesso em: 10 abr. 2010.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

JAGGAR, Alison M. “Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista”. In: JAGGAR, Alison M. e BORDO, Suzan R. *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

KREPS, Bonnie. “O mito do amor romântico”. In: KREPS, Bonnie. *Paixões eternas, ilusões passageiras: uma análise do mito do amor romântico*. São Paulo: Saraiva: 1992.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A Família: origem e evolução*. Porto Alegre: Editorial Villa Marha Ltda, 1980.

_____. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1976.

MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MURARO, Rose Marie. *Libertação sexual da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1970.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Tempo e Tradição: Interpretando a antropologia. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro/CNPq, 1988.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1999.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1992.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas da amizade: um ensaio em antropologia das emoções. **Mana**, Rio de Janeiro, v.8, n. 2, Oct. 2002. Available from <[HTTP://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acess on 28 Feb. 2010. Doi: 10.1590/S0104-93132002000200003.

RIOS, Luis Felipe. O feitiço de Exu: um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblecistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004. 330f. (tese de Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2004.

RIBEIRO, Matilde. O feminismo em novas rotas e visões. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 14, n. 3, Dec. 2006. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300012&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Apr. 2010. doi: 10.1590/S0104-026X2006000300012.

ROSALDO, R. *Cultura y Verdad*. Nueva propuesta de análisis social. México: Grijalbo, 1991.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: S.O.S. Corpo, 1996.

_____. “Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality”. In: VANCE, Carole S. (org.). *Pleasure and danger: exploding female sexuality*. London: Routledge and Kegan Paul, 1984.

SALEM, Tania. *O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares*. Petrópolis: Vozes, 1980.

SILVA, Anderson Vicente da. Viver a dois é uma arte? Um estudo antropológico da homoconjugalidade masculina na Região Metropolitana do Recife. Recife, 2008. 182 f. Dissertação. (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. “Gênero e patriarcado”. In: *Marcadas a ferro*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 12, n. 2, Aug. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Apr. 2010. doi: 10.1590/S0104-026X2004000200003.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS Corpo – Gênero e Cidadania, 1995.

SOUZAS, Raquel; ALVARENGA, Augusta Thereza de. Direitos sexuais, direitos reprodutivos: concepções de mulheres negras e brancas sobre liberdade. **Saúde e Soc.**, São Paulo. V.16, N. 2. Ago.2007. Available from [HTTP://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902007000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902007000200012&lng=en&nrm=iso).access on 28 feb.2010.doi: 10.1590/S0104-12902007000200012.

VANCE, Carole. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. In: *Physis: revista de saúde coletiva*. V. 5, n.º 1. Rio de Janeiro: IMS-UERJ/Relume-Dumará, 1995.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

WAGNER, Adriana (Coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3ª edição. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

WINCH, P. *Para compreender a uma sociedade primitiva*. *Alteridades*, 1(1), p. 82-101. Oxford, 1979.

ANEXOS

Anexo 1

Roteiro de entrevista

Dados de identificação

1. Nome: _____

2. Idade: _____

3. Sexo:

Feminino

masculino

4. Raça/Cor:

Branca

Negra

Parda

Indígena

Outros

5. Nível Educacional

Ensino fundamental

Ensino Médio

Curso técnico

Graduação

Pós-graduação

6. Profissão _____

7. Estado civil

Casada

Solteira

Viúva

Separada ou divorciada

Outros _____

8. Composição Familiar (com quem mora):

Pais

Sozinha

Irmãos

Amigas(os)

Outros _____

9. Local de Nascimento _____

10. Renda

Familiar

2 salários mínimos

3 a 4 salários mínimos

4 a 5 salários mínimos

5 salários mínimos em diante

Individual

2 salários mínimos

3 a 4 salários mínimos

4 a 5 salários mínimos

5 salários mínimos em diante

11. Religião _____

Anexo 2

Primeiro momento: Contexto familiar

- Quantos são na família, quantos irmãos e irmãs?
- Onde mora? Há quanto tempo? Onde morava antes?
- Fale um pouco das brincadeiras de meninos e meninas: você brincava de quê? E seus irmãos?
- Fale um pouco sobre a educação dos irmãos e das irmãs: quais as diferenças e semelhanças?
- Se mora sozinha, com qual idade saiu de casa (motivos)? Gostaria de morar com alguém? Gostaria de morar sozinha (se mora com alguém)?
- Como pensa você compondo/sendo responsável por uma família? (Expectativa de constituição de família - vontade ou não de estabelecer parceria e de ter ou não filhos).

Roteiro Sexual (abordando todos os relacionamentos sexuais de que se lembra, inclusive os que aparentemente não tenham tido significância)

Sugestão para entrada em relação a carreira sexual propriamente dita:

“Eu gostaria de tentar recuperar contigo a tua história de vida focando mais nos amores, conquistas, seduções, digamos, a tua história sexual, desde o primeiro momento em que você se sentiu atraída sexualmente por alguém até hoje...”

- Qual o local onde você costuma ter encontros? Por que?
- Como se encontraram? Como se deu o encontro?
- Como era essa pessoa? O que te chamou a atenção nela? (comportamento, gestos, aparência, vestimenta).
- O que acha que em você chamou atenção no outro? Existe alguma característica em você, que considere atrativa para a aproximação do outro?
- Como se deu a paquera/transa? Quem tomou a iniciativa? Como se deu o processo de aproximação (falas, gestuais; etc.)?
- Onde transaram e porque a escolha do local? Havia mais alguém, como participou? O que rolou?

- Em que momento transaram? Se houve transa, o que ocorreu (práticas sexuais)? Como as aprendeu? Alguém já havia falado sobre? Quem? Em que momento? (avaliar o teor de moralidade e do material simbólico usados para produzir o efeito desejado).
- Gostaria de ter feito/falado algo para o parceiro e não o fez? Por que não? Fez algo e depois se arrependeu? O que? Por que?
- Tempo da transa? Sentiu prazer?
- Houve outro tipo de compensações além do prazer obtido (dinheiro, presentes, etc.)?
- Se reencontraram?
- Se houve re-encontro, como foi, por iniciativa de quem, se encontraram aonde, o que fizeram, foram para onde para transar (caso tenha havido transa); quantas vezes mais foram se re-encontrando, como, onde, quando, como, por que; enfim, retomar o roteiro para cada um dos encontros.
- Pensou em evitar/ter filhos nesta transa? Por que?
- Destas pessoas citadas surgiu a idéia de formar parceria fixa com alguma? O que diferencia esta pessoa das outras?
- Tentou formar parceria fixa com alguma? Por que não deu certo?

Segundo momento: Relações conjugais

Sugestão para entrada em relação a sexualidade e conjugalidade:

“Hoje eu gostaria que a gente voltasse a pensar sobre sexualidade; trazendo para o contexto da conjugalidade, entendida como parceria fixa (onde os dois coabitam uma mesma residência)”.

- Você tem vontade de casar?
- O que espera do casamento?
- Você vislumbra outras formas de arranjo de casamento? (depende do desenvolvimento da resposta anterior)
- Para você quais os pré-requisitos para um bom casamento?
- Alguém já te mostrou/ensinou como “deve” ser uma relação a dois?
- E, qual a importância da satisfação sexual dentre estas características? (elencar por ordem de importância).

- Se tivesse todas as outras e faltasse a satisfação sexual permaneceria na relação? E, por quanto tempo permaneceria?
- Quanto tempo durou sua relação mais longa (se a teve)? O que fez com que permanecessem juntos? Em que medida você contribuiu para estarem juntos?
- Falar sobre o melhor relacionamento da pessoa, falar sobre os motivos. (como foi? Onde? Duração...)
- Alguma(s) relação te desapontou (Como foi? Onde? Duração...)
- Apontar uma relação conjugal que considera ideal.